

Então nós vamos aqui pra terceira parte, são 12 blocos de três manifestações, e depois as respostas aqui do empreendimento, então eu vou chamar aqui o pessoal. A gente pôs três cadeiras ali entre as duas mesas aqui da equipe de apoio, e aí eu vou chamando, vocês ficam ali pra gente já organizar nossa dinâmica. Misael Torres, morador de Morro Velho. Vermelho, desculpa. Jadson Pardal, vereador municipal. Vanessa Monteiro, representante dos profissionais de saúde. Perfeito? Pessoal, já vou dirigir a vocês porque vocês são os primeiros, mas pra todos os inscritos, como eu já havia previamente falado, três minutos a partir de quando vencer o tempo é dez segundos pra que possam terminar o raciocínio, se não terminar o raciocínio a equipe de apoio tá autorizada a cortar o som pra que a gente mantenha aí uma urbanidade e mantenha também aí uma paridade com todas as pessoas que vão falar. Pra vocês se orientarem, à esquerda aqui nossa tem um cronômetro do tempo, tá bom? Então, vocês fiquem à vontade nesse sentido. Então o Misael Torres vai ser o primeiro manifestante, o morador de Morro Vermelho. Desculpe aí ter falado de uma maneira incorreta, li aqui rápido tá bem? Fica à vontade, pode pegar aí e falar.

[00:42:13]

Sr. Misael Torres: Que eu não tô pensando lá na frente no Projeto Apolo, não. O Morro Vermelho hoje tá no meio de 80% de terras tomadas pela Vale, e hoje lá tá quase virando uma cidade fantasma porque não tem geração de emprego nenhuma. E eu queria saber por que que nós não conseguimos colocar uma pessoa, um morador do morro pra representar a Vale, trabalhar na empresa. Isso hoje é... nós não vê esse horizonte, sabe? E já vim, né? Conversei com o Rafael em várias reuniões, né, Rafael? E você até concordou com a minha posição, e eu queria saber por que que nós não conseguimos empregar essas pessoas lá. Eu sei que a resposta vai ser que o projeto ainda não está em andamento e tá em supostas aprovações, né? Liberações, mas por que, em Raposos, a Vale não tem atuação nenhuma, hoje, Raposos, não é desmerecendo lugar, não oferece nada pra Vale e tem hoje aproximadamente mil empregos diretos e indiretos na empresa. Por quê? O que que eles fizeram pra conseguir tar, né? Tomando esse mercado de trabalho que o povo do Morro não consegue? Nós estamos a 13 quilômetros de distância, é muito pouco! E por que que essa oportunidade não chegou até a nós? É isso que eu queria que vocês me esclarecessem, e será que seria difícil pra empresa, será que tá dentro do seu orçamento colocar um transporte pra buscar trabalhadores pra operar em minas vizinhas nas regiões, né? Nas cidades vizinhas, onde é o mesmo trajeto de Raposos às minas onde o pessoal trabalha, seria do Morro até as suas cidades, como São Gonçalo, Santa Bárbara, entre outras. E eu espero também, creio também, que essas oportunidades não

é só no Morro que não chega, nessas, né? Outros distritos mais distantes, com menos oportunidade, menos diálogo e que vocês olhassem mais por esse lado também. E uma outra coisa, o povo de Raposos, nós reclama muito de Vale, mas imagine a Vale hoje demitindo esses funcionários. O que o Raposos ia arrumar sem emprego pra essa população? É o que eu passo no Morro Vermelho hoje. Cidade fantasma, todo mundo indo embora das suas casa caçando serviço na cidade grande. E como que vai ficar o comércio? Esse é o impacto que nós vivemos. Mas eu não quero resposta...

[interrupção]

[00:44:57]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Misael. Jadson Pardal.

Sr. Jadson Pardal: Boa noite a todos. Eu não vou fazer pergunta, Hugo, porque eu acompanho a Apolo desde 2009. E vi mudanças no projeto, mas enfim, eu quero aqui colocar que a Apolo tem duas vertentes, quem é contra e quem é a favor. Eu queria chamar a atenção de todos pra gente discutir quem é interessado, quem é o maior interessado por esse projeto? Respeitando todas as opiniões. Nós temos aqui uma cidade que completou esse ano 310 anos, que desde o final da década de 80, início de 90, perdemos a maior geradora de emprego do município e de lá pra cá retrocedemos, não conseguimos avançar. Pra se ter uma ideia, no Censo de 2010 Caeté tinha 45 mil habitantes, no de 2022 nós voltamos pra 38 mil. Onde está a resposta disso? Na dificuldade do jovem permanecer na cidade por não ter oportunidade, não vislumbrar futuro, estudar, formar, as famílias lutarem, buscarem o melhor pra essas pessoas e não terem onde impulsioná-las. Então, a gente percebe como todo foi criado, já foi discutido e falado aqui. Infelizmente três minutos é muito pouco, mas foi falado agora recente, respeito a fala do professor e da Teca, de substituição, de tudo, mas dos 15 anos que arrola esse projeto, não foi trazido pra nenhuma dessas cidades citadas, nenhuma proposta. Nenhuma proposta. Não indicaram nada, vamos unir. Eu acho que o Projeto Apolo, com todo respeito a todos, precisa ser uma construção de várias mãos, de opiniões, de ideias, pra buscarmos um ideal, porque se não sabemos onde estamos, não vamos conseguir imaginar pra onde vamos. Então assim, a minha opinião enquanto vereador do município, enquanto cidadão, porque eu nasci, eu tenho 52 anos que eu moro aqui, e todos os dias a pergunta é corriqueira: Pardal, a Vale Vem pra Caeté? Nós temos um estudo que 75% do município é a favor do projeto por causa que é a única luz no túnel pra que essas famílias busquem novamente a dignidade dos seus filhos pra ter um futuro, respeitando, lógico, todas as condicionantes, toda a linha de

preservação e de respeito ao meio ambiente. Então, eu quero aqui colocar de prontamente as minhas mãos ao Projeto Apolo, como eu coloquei que é um projeto que tem que ser construído em várias mãos, as minhas mãos ao Projeto Apolo e a minha mão ao povo caeteense que busca e espera por ele. Muito obrigado.

[00:48:18]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Jadson. Vanessa Monteiro.

Sra. Vanessa Monteiro: Boa noite a todos. Eu acho que a minha pergunta, ela vai validar questionamentos e temores principalmente das mulheres e das mães caeteenses, de Morro Vermelho e das demais cidades que serão afetadas pelo projeto. Bom, é um projeto que tem uma tamanha magnitude, desde a sua imponção, até a sua exploração em si. Então vai requerer a vinda de pessoas cuja índole, a priori, nós desconhecemos, né? Gostaria de saber qual que é o projeto da empresa, que tenha rigor, né? Para evitar o aumento da criminalidade local. Afinal de contas, eu tenho certeza que desde os gestores até a população, é um temor que todos carregam em si, né? Tendo em vista que quase que a totalidade das cidades brasileiras já têm um nível de aumento dessas questões de furto e tudo mais. E eu vou além, haverá um processo adequado da empresa Vale e terceirizadas para empregar tais funcionários, ou apenas vai ter uma rele análise curricular? Ou então vai ser só uma breve entrevista de emprego? Vai ter um movimento nesse âmbito? Vai ter alguma mudança? Haverá uma análise de antecedentes criminais dos candidatos às vagas que vão ser oferecidas tanto pela Vale, quanto pelas terceirizadas que virão? É isso. Obrigada.

[00:50:06]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Vanessa. Então, eu vou passar aí ao empreendimento pra responder as perguntas, né? Perguntas muito focadas aí na destinação de empregos, regime aí de empregabilidade do empreendimento, política nesse sentido, tá bom? Fica à vontade. Seis minutos ao empreendimento.

Sr. Rafael Barbosa: Boa noite, meu nome é Rafael Barbosa, trabalho na área de projetos da Vale e tô à frente aí do desenvolvimento da engenharia desse empreendimento. Em relação à primeira pergunta do Misael, foi muito bom que ele repetisse aqui o que ele já vem falando pra gente, isso reforça como que nós estamos inseridos na comunidade, escutando os anseios da comunidade. Nós já tivemos mais de 800 interações via o ponto móvel de informação e diversas conversas e reuniões com a comunidade. Antes da audiência, foram mais de 30

reuniões institucionais fora comunidade. Então realmente os anseios tão sendo escutados. Em respeito ao que o Misael trouxe, nós já levamos esse fator que ele colocou pra dentro de casa, o RH já está ciente, está fazendo um levantamento e em breve nós retornaremos pra comunidade sobre esse resultado. Então nós estamos aí de ouvidos abertos pra comunidade e tentar sanar essas lacunas. Em relação também explorando um pouco até aqui o que ele falou, as oportunidades e a saída de pessoas de um vilarejo, de uma comunidade, de um distrito tão importante. Morro Vermelho tem sua história rica e a maior delas são suas pessoas. E elas precisam estar lá pra manter essa riqueza. E o Projeto Apolo pode ser um parceiro neste caso, ajudando a atrair e repatriar os seus cidadãos. Então gostaria de agradecer mais uma vez o Misael por oportunidade de trazer esse tema. Com relação ao que o Pardal trouxe, corroboramos aqui com a opinião dele. Precisamos pensar nos interessados, a Vale é mais uma parceira, é mais um integrante da comunidade que vai se inserir aqui. Nós sabemos do nosso potencial pra apoiar o poder público e apoiar a comunidade nessa evolução e nessa melhoria. Então nós estamos aqui, estamos dispostos, Pardal, a um pacto de conversa, um pacto de comunicação, um pacto de diálogo, pra que nós possamos também ajudá-los e apoiá-los nessa evolução, e não fazer com que a cidade retroceda, mas que sim evolua sempre. Em relação ao que a Vanessa trouxe, né? É importante as preocupações que ela tem, ela trouxe de maneira assertiva o que o projeto vai trazer pra evitar a criminalidade local e quais serão os critérios pra trazer, se porventura isso acontecer, as pessoas de fora. E nós estamos colocando o primeiro ponto pra minimizar o número de pessoas que porventura venham, é a priorização da contratação de mão de obra local a partir de capacitação. No EIA-RIMA aponta que, as cidades aqui do entorno, apesar de ter a vocação de mineração e ter pessoas já trabalhando, não tem o número de pessoas, né, capacitadas suficientes para o projeto. Então a gente precisa investir forte em capacitação. Isso está previsto no projeto. A partir disso, se porventura a gente ainda não conseguir esse número suficiente de pessoas, e se vierem pessoas de fora, terá e está previsto um programa específico pra gestão de contratados e gestão de pessoas alojadas, que eu vou dar até um exemplo, né? Um exemplo de cidades vizinhas que nós estamos utilizando inteligência artificial, rastreamento, gestão de dados das pessoas, parceria com a Polícia Militar não só como sendo recebendo nossas demandas, mas também como consultora, indicando, colocando zonas que são proibidas de ter pessoas alojadas, de ter repúblicas. Então, determinados pontos da cidade não vão poder ter, conforme indicação de um grupo da cidade, formado por poder público, por polícia, por pessoas da saúde. Então, isso vai ser estrategicamente posicionado pra que o menor impacto possível aconteça. Então é essa

linha que nós vamos seguir aqui, o diálogo tá aberto com a comunidade e é assim que vai ser feito todo esse processo. Obrigado.

[00:55:05]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Vamos então pro segundo grupo. Tomás Henrique Lopes, por gentileza. Wilson Teixeira dos Santos Júnior, Eloy Monteiro Domingos, presidente da ASEAC. É assim mesmo que pronuncia? Tá todo mundo aí já? Tão espertos aí, né? Thomas, fica à vontade aí, três minutos, três. Ali na esquerda tem um tempo pra você se direcionar.

Sr. Tomás Henrique: Boa noite a todo o público presente, a paz do Senhor. Primeiramente, pra começar, do ponto de vista ambiental esse Projeto Apolo é incompatível com a Serra do Gandarela. A água, a gente não vive sem a água, né? Se colocar você 10 dias sem água e 10 dias sem a Vale, você vai viver 10 dias sem água? Não vai, mas 10 dias sem a Vale você viverá. Então, o nosso ouro e a nossa verdadeira riqueza é a água. E sem a água a gente não faz nada, né? Então, a gente não tem que lutar pelo Apolo, a gente tem que lutar pelo tombamento integral da Serra do Gandarela, igual tombou a Serra do Curral, a Serra do Curral que é bem menos relevante que a Serra do Gandarela, foi tombada. Então, nós vamos lutar pelo tombamento integral da Serra do Gandarela. Então, eu peço ao Zema, ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não dar essa licença pra essa mineradora destruir a nossa terra, Caeté. Boa noite a todos e salve o Gandarela, gente.

[00:57:06]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Tomás. Wilson Teixeira?

Sr. Wilson Teixeira: Boa noite a todos e a todas. Eu já acompanho também o licenciamento do Projeto Apolo desde 2009, e sempre a mesma coisa, é... uma das perguntas que eu gostaria de fazer é se é mito ou verdade que o Gandarela abastece Caeté, Belo Horizonte e a região do entorno. Uma outra pergunta é que eu gostaria de saber é se existe uma outra matéria-prima que fabrique celular, que fabrique computadores, carros, aparelhos de hospitais, se há um outro tipo de matéria-prima que não seja o metal, metal, né? Metal. Então é isso que eu gostaria de saber. Ah, não e outra pergunta, a Vale disponibilizará cursos de informação de mão de obra para os nossos jovens de Caeté?

Sr. Vitor Salum: Muito obrigado, Wilson. Eloy Monteiro?

Sr. Eloy Monteiro: Boa noite a todos. A você, filho de Caeté, que seja nascido aqui nessa terra, ou que seja adotivo, que escolheu Caeté pra se viver e prosperar. Estamos diante do

maior oportunidade que a cidade já viu. Desta forma, iremos impactar vidas. O desenvolvimento não é somente econômico, ele também é social, é de qualidade de vida. Hoje, milhares de caeteenses encontram-se fora das nossas fronteiras. Eles foram buscar oportunidade de trabalho, que é a minha história. Também temos uma grande parcela da população que diuturnamente vai pro Belo Horizonte buscar o seu labor atravessando os perigos da 381. Dito isso eu pergunto: em relação à geração de empregos e fortalecimento do comércio local, Caeté hoje tem 4.300 CNPJs, 62% das empresas de Caeté é microempreendedor individual, são MEIs. Na cidade hoje a Vale tem cadastrada somente 35 empresas, dessas 35, somente 7 estão aptas a hoje a vender pra Vale, pra gerar emprego e renda. Como será feito o direcionamento para micro e pequenas empresas? Para que os empresários da cidade possam se capacitar, se organizar com tanta documentação para poder vender pra Vale, gerar emprego, gerar prosperidade e, dessa forma a gente gerar renda e qualidade de vida pros caeteenses. Sabendo que Caeté é uma grande geradora de empregos no comércio, onde se gera geralmente um emprego de sustentabilidade. E aonde que se geram os grandes empregos com melhores salários? É na mineração, é na indústria, é na indústria de transformação. É esse tipo de oportunidade que a gente quer aqui. Então queremos sim que o projeto venha, que cumpra com rigor a situação econômica e ecológica, mas que dê oportunidade pra população que é caeteense. Nós queremos emprego, nós queremos rendas, nós queremos oportunidade e queremos dignidade. Salário de vida, salário é vida, salário é oportunidade e salário, bem, é uma qualidade de vida pra todos. Agradeço a todos e boa noite.

[01:01:48]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Eloy. Pessoal, antes de abrir a palavra aqui pro empreendimento eu vou adotar a sistemática pra otimizar aqui o nosso tempo de já chamar o próximo grupo pra ficar posicionado ali, tá? Então, Benedito Ferreira, Maria de Lourdes, IBRAM, Benedito Ferreira, Movimento pela Preservação da Serra do Gandarela, Maria de Lourdes, IBRAM, Patrícia Sena, FIEMG. Os três podem se posicionar ali na cadeira, e aí passo a palavra ao empreendimento pra fazer a resposta aos questionamentos do Grupo 2, relacionados a impacto no Parque do Gandarela, cursos de formação pros municípios afetados, abastecimento de Belo Horizonte, geração de emprego, fortalecimento do comércio local, tá bem?

[01:02:50]

Sra. Maria Luíza: Meu nome é Maria Luíza, eu sou da equipe de hidrogeologia da Vale. Eu gostaria de responder a pergunta que foi colocada a respeito do abastecimento do Gandarela,

da Serra do Gandarela, sua importância pro abastecimento. O Gandarela é uma serra, né? Que tem diversas nascentes, como já foi colocado, como foi visto inclusive no estudo de impacto ambiental, né? Mais de 164 nascentes inventariadas no entorno da área do projeto. É uma serra que tem diversas nascentes, não só da formação ferrífera enquanto aquífero, mas de diversos outros aquíferos também que nascem dessa serra. E ela é sim importante, pra vazão que chega no Rio das Velhas, a Serra do Gandarela pro Rio das Velhas, se a gente considerar ali o ponto de captação de Bela Fama, 1/4 da vazão que chega até Bela Fama vem dessas vertentes, né, da sua margem direita, do Rio das Velhas, onde tá o Gandarela. 3/4 vêm da sua margem esquerda, do Velhas. E, no caso, é importante pontuar que o Projeto Apolo, ele está situado nessa porção da Serra do Gandarela onde ele tá situado, ele abarca, ele está próximo à bacia, quer dizer, está na área de influência da bacia do Ribeirão da Prata, que é um afluente do Rio das Velhas que chega a jusante abaixo do ponto de captação de Bela Fama, ou seja, não existe interferência do Projeto Apolo na captação de Bela Fama, da região metropolitana de Belo Horizonte. Da mesma forma não existe interferência do projeto na captação de nenhum dos demais municípios ou comunidades ali próximas, porque todas as interferências que porventura vão ser geradas pelo rebaixamento de nível d'água na cava, né? Elas serão repostas, terão sua vazão repostas, tá? Mas eu posso voltar a trazer essa informação mais tarde, mas a princípio eu gostaria de pontuar essa questão com relação ao abastecimento, né? A partir da Serra do Gandarela. O projeto, como eu coloquei, não existe essa interferência e nós faremos a reposição das vazões dos cursos d'água. Obrigada.

[01:05:27]

Sr. Rafael Barbosa: Complementando aqui as perguntas, né, o senhor Wilson e o Eloy falaram aí sobre questões de capacitação e outras questões relacionadas ao projeto. Vamos lá, Sr. Eloy, Sr. Eloy não, desculpe, Sr. Wilson, falou de material pra fabricação de bens, né? Eu queria colocar o Flávio aqui do Sindiextra, que trouxe a importância da mineração e da mineração de ferro que foi classificada aí como um mineral essencial para, inclusive, a descarbonização e o apoio à sustentabilidade do mundo, né? Não vou colocar do Brasil não, do mundo, com a questão da descarbonização. Então, é um mineral essencial, não só pra fabricação de bens, mas também pra descarbonização. Em relação à disponibilização de cursos pra mão de obra que o Sr. Wilson colocou, reafirmo aqui o compromisso da priorização da contratação do mão de obra local a partir da capacitação. Nós temos previsão de três programas específicos, é um programa de preparação da mão de obra pro mercado de trabalho, nós temos o programa de formação profissional, que inclusive estava recentemente

aberto aí pra Santa Bárbara, né, focado ali em Santa Bárbara. Então esses programas, eles recrutarão pessoas tanto para a fase de obra, quanto para a fase de implantação. Em relação ao que o Eloy trouxe sobre a saída de caeteenses, sobre os empregos, sobre a forma como o arranjo econômico está hoje em Caeté, com a maioria de MEIs, eu volto a frisar a importância que a empresa tem neste contexto. Nós vamos trazer uma dinamização pra economia local, nós temos consciência disso, e essa dinamização da economia local vai atingir frontalmente todos esses itens que ele colocou de forma positiva. Então a saída de caeteenses aqui, ela certamente será reduzida, e também terá obviamente o incentivo para o retorno. Os empregos que serão gerados, eles também serão priorizados aqui na região, e aí aqui eu já queria trazer uma informação. Aqui nós colocamos de forma, vou colocar até comedida, o número de empregos e quanto isso vai gerar na cadeia. Estudos mais elaborados, como do da FIEMG por exemplo, ampliam essa cadeia e esse número de empregos é muito maior do que só o emprego que tá lá gerado diretamente aqui da pessoa que vai trabalhar diretamente lá na mina. O impacto, ele é enorme. Então, o impacto positivo, ele é enorme em relação à geração de empregos na cadeia como um todo. Fomentando, inclusive, a diversificação econômica. Em relação ao outro item que ele trouxe aqui importante, né? Que falou da dignidade, isso é muito relevante. Nós sabemos da importância que a Vale vai ter para o município pra resgatar alguns itens relacionados a isso trazendo o emprego e trazendo outras questões como apoio, investimento na comunidade, investimento em ações sociais, investimento, como foi feito no programa que foi citado, o Valorizar, que capacitou pessoas, no Programa Capacitar que a gente já trouxe instituições aqui pra apoiá-los. Então não é só o emprego que traz dignidade, a gente apoia e tem também incentivos voluntários em outras áreas sociais pra apoiar nesse quesito também. Tá bom? Obrigado.

[01:09:09]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Terceiro bloco aqui nosso. Benedito Ferreira, movimento pela preservação da Serra do Gandarela. Deu certo a faixa lá, Benedito?

Sr. Benedito Ferreira: Deu, obrigado.

Sr. Vitor Salum: Três minutos aí, beleza?

Sr. Benedito Ferreira: Três minutos, esse três minutos me mata! Por quê? Pro Estado, pra Vale, é muita coisa, porque em 10 minutos eles sacrificaram 276 funcionários, 277, em 10 minutos! Mariana foi mais lenta, as mortes foram mais lentas, deu tempo de um funcionário, colega seu, os funcionários, e sair de dentro da empresa e correr lá: “meu bebê tá lá embaixo?”



“tá”, e morreu, tá lá o caixãozinho dele no nosso banner. Então, gente, diante dessa fraqueza da Vale, dessa fraqueza de EIA-RIMA, desses... larguem a Gandarela, façam boa ação! Larguem! Aliviem as consciências! Não é a consciência da Vale não, a gente fala a consciência da Vale, a consciência dos funcionários, todos têm isso na cabeça. E os acionistas que pegam bilhão, tá? Também tem, aliviem a consciência deles, pelo menos por enquanto, façam uma boa ação, larguem a Gandarela! E nós estamos em Minas Gerais, tem gente que fala assim, “ah, mas os funcionários que morreram, eles vão virar mártires”, mártir é quem defende um ideal, eles não tavam defendendo a Vale não, apesar dos funcionários da Vale ser orgulhosos, foram mártires não. Mas tem alguma coisa a ver sim, ainda mais em Minas Gerais, com a Inconfidência Mineira. Tiradentes foi esfaqueado, e seu, suas partes foram colocadas em postes. Seus colegas não. Tiradentes teve o privilégio de ter o sal grosso. Seus colegas, não. Seus colegas, os segmentos, os fragmentos, espalharam até no litoral. Sem sal grosso. E hoje a Vale dá trabalho até à medicina legal, porque na medicina legal ainda tem 400 segmentos, fragmentos de colegas seus que não tem jeito de descobrir de quem é. Nossos nobres bombeiros descobriram um corpo um mês, três meses depois um fragmento. Fissuras, vísceras, fígados, rins! É isso que tá na cabeça dos bombeiros, que inclusive dois adoeceram agora. Gente, larguem a Gandarela! Façam uma boa ação! Em nome de seus colegas que foram soterrados! E falar em Tiradentes, nós temos também os exilados! Nós temos mais de mil exilados dentro das própria casa, que são as viúvas, os viúvos, os órfãos, dentro da própria casa! Exilado! Apenas lembrando de seus antepassados. E o exilado às vezes em casa que vocês dão lá em... naquelas casas moderna, casas de azulejo, lá de... ai eu... perto de Mariana, né? As casas que não são cedidas não são as casas!

[01:12:50]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Benedito. Benedito, Benedito, por favor, vamos respeitar o ambiente da audiência. Benedito? Todo mundo tá respeitando. Benedito, por gentileza, por favor. Maria de Lourdes.

Sra. Maria de Lourdes: Boa noite. Eu não vou fazer perguntas, são duas falas. A primeira pra ratificar o que eu disse ontem a respeito do Parque Nacional. Como conselheira do Conselho Consultivo eu não posso deixar de ressaltar, destacar, que a Vale esteve junto com o setor minerário que eu represento, junto com o setor público e a sociedade civil, esteve participando ativamente e intensamente da criação do Parque Nacional, e mais recentemente estivemos participando ativamente e intensamente do zoneamento do Parque. O zoneamento do Parque é uma ferramenta de preservação não só do interior do parque, mas, obviamente, do entorno. A

minha segunda fala diz respeito a uma necessidade de todos aqui com relação à mudança dos padrões vigentes de consumo e de geração de novas energias. Foi falado pelo meu colega aqui do Sindiextra, e nós estamos num dilema e numa contradição. Nós queremos uma economia de baixo carbono, descarbonização, produção de energia limpa, e muitos aqui que querem a descarbonização, a produção de energia limpa, não querem a mineração. Só que, infelizmente, né, pra alguns, não existe a menor possibilidade de uma economia de baixo carbono sem a transição energética com minerais estratégicos, críticos e essenciais como o minério de ferro. É isso.

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Maria de Lourdes. Patrícia Sena.

[01:15:28]

Sra. Patrícia Sena: Patrícia e eu falo pela Gerência de Meio Ambiente da FIEMG. E aqui eu também não vou fazer perguntas, eu gostaria apenas de dar destaque a alguns pontos já mencionados que eu acho importante a gente destacar, especialmente em relação aos recursos hídricos, né? Quando a gente faz uma comparação em relação ao que hoje tá sendo apresentado aqui e ao projeto anterior, de 2009, a gente percebe uma evolução nítida no que diz respeito à redução dos impactos ambientais, né? Especialmente aos recursos hídricos. Que tanto se falou da importância da água e isso é evidente, mas, o que foi apresentado, né? E eu anotei aqui, é que esse projeto hoje, ele traz uma redução brusca do uso do recurso hídrico, né? Salvo engano, há uma redução de 95% do que foi inicialmente previsto no primeiro projeto. Então é salutar fazer esse destaque, com a fala também que foi trazida que não vai haver interferência na captação de Bela Fama, né, que abastece a região metropolitana, uma vez que o projeto está a jusante, né? E há que se dizer também que toda a questão do rebaixamento do lençol freático vai ser compensada por meio de condicionante. Então, é uma obrigação do empreendedor fazer essa compensação nas nascentes que serão impactadas. É importante também dizer que esse projeto, ele traz uma nova metodologia, né? É um projeto que traz um processo a ser aplicado que não vai fazer o uso da água. É uma mineração que vai fazer a extração por umidade natural. Então, além da gente não ter o uso do recurso hídrico, não haverá barragens, desta feita também não haverá a geração de rejeitos. É muito importante esse destaque. Houve também redução da área inicialmente prevista, né? Uma redução aí, salvo engano, na casa de 30%, isso também reduz o impacto em relação ao desmatamento, em relação à supressão, que inicialmente prevista, né? Então ela vai ser visivelmente menor nesse sentido, e isso nós enxergamos como resultado desse período de amadurecimento que a gente vê, desse empreendimento por parte do empreendedor, desse

debate que foi feito junto ao órgão ambiental no sentido de trazer um empreendimento mais sustentável em relação à questão dos recursos naturais. Mas eu acho também salutar a gente abordar questões relacionadas...

[01:18:47]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Patrícia. Antes de chamar o empreendimento também já vou chamar os integrantes do Bloco 4 aqui pra gente otimizar as nossas falas. Úrsula Ângelo, Secretária Municipal de Assistência Social. Amanda Fernandes, FIEMG. Ana Elisa Gomes da Silva, moradora de Caeté. As três já estão posicionadas ali. Pessoal, no bloco 3 aí nós não tivemos nenhuma pergunta específica, mas ao menos três tópicos eu acho que são importantes de serem expostos aí pra todos os presentes, né? O Gandarela, como tem muitos temas que vocês podem trabalhar, economia de baixo carbono e redução do uso de recursos hídricos que foi falado pela Patrícia, tá? E usem o tempo também aí pra outros pontos que entenderem pertinente, já que não trouxe nenhum tipo de pergunta específica nesse bloco.

[01:20:03]

Sr. Rafael Barbosa: Bom, agradecer aí as três perguntas, em respeito ao Sr. Benedito e aos demais envolvidos. Reforçar que nós lamentamos os ocorridos em Brumadinho e Mariana e que estamos trabalhando na reparação integral e ampla dessas questões. Em relação ao que Maria de Lourdes trouxe, é sim importante destacarmos a questão da coexistência de projetos que possam estar ali trazendo desenvolvimento e também trabalhando em parceria com a preservação ambiental. O Projeto Apolo tá próximo ao Parque Nacional Serra do Gandarela, e pode ser inclusive um importante parceiro na sua preservação, trazendo inclusive apoio técnico, apoio tecnológico e científico pra essa unidade de conservação. Também destacar em relação à economia versus mineração, a economia para a descarbonização, a economia voltada a melhorias ambientais no planeta e que a mineração faz parte disso. E trazendo obviamente metais essenciais. E também destacar o que a Patrícia da FIEMG trouxe, realmente o Projeto Apolo teve uma evolução nesses últimos 15 anos, uma evolução muito importante através da escuta, através do respeito em relação à unidade de conservação, nós evoluímos o projeto de forma significativa em relação à redução no consumo de água, foi como ela falou realmente de 95%, nós reduzimos de 1.900 m<sup>3</sup> pra 100 m<sup>3</sup> por hora, isso representa, essa redução, representa aproximadamente abastecimento de 200 mil pessoas no abastecimento hídrico. Nós também tivemos um avanço tecnológico em relação a todos os processos do projeto, né? É um pouco técnico, mas eu vou citar, a inserção de transportadores

de correia de longa distância, a inserção de peneiramento com movimentos diferenciados, a inserção de controles ambientais também diferenciados em relação à contenção de sedimentos, e a redução de área, que foi uma redução total importante de mais de 30%. Então é só reforçar mesmo o que a Patrícia colocou, são reduções e são evoluções super importantes que tão trazendo o projeto e garantirão aí a viabilidade ambiental desse empreendimento.

[01:22:42]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Então vamos pro bloco 4. Úrsula Ângelo, Secretaria Municipal de Assistência Social.

Sra. Úrsula Ângelo: Boa noite. Na verdade meus questionamentos são referentes ao desenvolvimento territorial de Caeté no que tange o terceiro setor, que hoje desenvolve um trabalho muito amplo na nossa cidade, na nossa comunidade, em várias comunidades, principalmente aquelas de vulnerabilidade social. E eu gostaria de saber qual seria o intuito da Vale com os incentivos fiscais ao Fundo da Criança e do Adolescente e o Fundo do Idoso para que possa fomentar o terceiro setor e desenvolver melhor essa nossa área. E também, através do Projeto Valorizar, que contemplou várias entidades que inclusive eu estou vendo aqui vários representantes, qual seria, se vai ampliar o Projeto Valorizar e o Capacitar também pras entidades. E, a minha segunda pergunta seria o que pensa a Vale sobre o emprego das nossas mulheres dentro da Vale, e também quais os benefícios que poderão ofertar pra que elas desenvolvam um ótimo trabalho na empresa Vale. Essas são minhas perguntas. Obrigada.

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Úrsula. Amanda Fernandes, FIEMG.

Sra. Amanda Fernandes: Olá, boa noite. Eu faço parte da gerência de economia da FIEMG, eu trouxe dados aqui dos nossos estudos econômicos, que já foi citado anteriormente. Então, primeiramente, esse projeto de Caeté, ele prevê um investimento inicial de entre 7 e 9 bilhões de reais. Bem, a gente utiliza uma metodologia, que é a análise em sumo produto, que a gente busca mensurar como se daria o impacto desse investimento tanto na região de Caeté, quanto na região intermediária de Belo Horizonte e de Minas. Essa matriz, isso é um produto que a gente utiliza na análise, tenta mensurar principalmente essa questão que foi colocada aqui de emprego. Então nós temos os empregos diretos, que vão ser a questão do investimento na mineração com construção, os empregos indiretos, que são aí os fabricantes de equipamentos e máquinas, fornecedores de serviços e também os encadeamentos produtivos dado o consumo das famílias, a família desses trabalhadores que estão envolvidos. Então, quando a gente utiliza essa análise os nossos resultados são muito maiores do que esse que a Vale

apresentou aqui. Com relação à fase de investimento, os resultados mostram que esse investimento entre 7 e 9 bilhões pode gerar um aumento de faturamento de 13,4 bilhões. Em termos de emprego, a gente não tá falando apenas daqueles números, esses encadeamentos produtivos podem levar a um aumento de 69 mil postos de trabalho na região intermediária de Belo Horizonte. Uma arrecadação em impostos líquidos de cerca de 729 milhões de reais. Isso na primeira parte, que é o investimento direto entre 7 e 9 bilhões. Porém, ao longo aí do próximo ano, como já foi citado, é esperada produção de 14 milhões de toneladas de minério de ferro. Esse minério de ferro a um preço médio de 600 reais por tonelada, nós vamos chegar então a um investimento de produção, um valor de produção anual de 8.4 bi, fora o investimento inicial, certo? Essa segunda fase de operação geraria um aumento de faturamento na região intermediária de cerca de 10,7 bilhões de reais, mais aí de 55 mil novos postos de trabalho, e uma arrecadação de impostos líquidos de cerca de 584 milhões. Esses efeitos ainda seriam maiores se a gente analisar o estado como um todo. Não vai dar tempo aqui de eu passar todos os dados, mas pra se ter ideia, no estado de Minas Gerais, só a fase de operação, a gente estima um faturamento de mais de 11,5 bilhões, e mais de 64 mil novos postos de trabalho. Considerando então esses efeitos da instalação do investimento e da operação, a gente acredita que esse investimento, esse empreendimento é capaz de trazer desenvolvimento econômico alinhado com sustentabilidade ambiental aqui pra região.

[01:27:50]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Amanda. Annelisa, moradora de Caeté.

Sra. Annelisa Gomes: Boa noite a todos. Como já foi dito, sou moradora de Caeté. Meu nome é Annelisa Gomes Silva, né? Apresentar antes. Nasci no único hospital que tem aqui, na Santa Casa de Caeté, estudei no Sebastião Ribeiro de Brito, também escola ali na Pedra Branca. E no Estadual José Brandão aqui atrás do Polo Esportivo. Incluindo, eu gostei, fiquei muito feliz quando vi vários estudantes aqui da Fundação Educacional de Caeté, que foi onde eu fiz meu curso técnico. E eu não gostaria que eles passassem pela mesma dificuldade que eu passei pra fazer meu estágio, pra iniciar minha carreira, que foi o que eu escolhi, que foi a mineração. Então, eu gostaria de deixar claro que sou a favor do projeto, sou funcionária com muito orgulho, como foi dito aí por pessoas anteriores, que os funcionários têm orgulho. Sim, tenho, tenho muito orgulho. E fiz questão de vir aqui de uniforme. Minha mãe tá aqui, meu pai tá aqui, meus primos, meus tios e eles sabem muito bem quanto eu tenho orgulho e como a minha vida melhorou muito desde que eu entrei na Vale. E como que eu falo isso? Por que que eu tenho propriedade pra falar isso com vocês? Desde 2020, que foi quando eu ingressei

na Vale, eu já tive progressão de carreira três vezes, até respondendo à Úrsula, como que vai ser em relação às mulheres, eu fui muito valorizada, agradeço muito à Vale as oportunidades. Fiz engenharia de Minas pela UEMG, que é uma universidade estadual, e estou fazendo engenharia civil com o incentivo da Vale. Já fiz vários treinamentos, cursos de incentivo à mulher, à diversidade e inclusão. Então realmente, onde eu atuo hoje é na operação de mina, estou como supervisora de operação de mina, entrei como técnica, e na minha equipe mesmo de operadores, eu tenho mais de 30 colaboradoras, que estamos incentivando a um dia elas estarem no meu lugar e eu também quero progredir. Então, pessoal, pra finalizar também, pra não ficar muito delongado aqui, sim, a Vale valoriza as mulheres e não só as mulheres, toda a diversidade de inclusão é muito forte lá na empresa. Então é isso que a gente prega, é isso que a gente precisa e é isso que eu quero pra Caeté, porque eu não quero que as pessoas passem a mesma coisa que eu passei em 2013, que é pegar a rodovia da morte, que é a 381, como todo mundo aqui sabe. E todo final de semana eu tenho que pegar estrada pra voltar pra minha residência, pra casa dos meus pais. Porque eu não posso morar aqui. Porque aqui não tem emprego pra mim. Então, pessoal, é isso que eu queria deixar o recado. Sou totalmente a favor e peço às pessoas que têm dúvida, vão lá em Itabira, conversa com o pessoal da comunidade, escuta o pessoal de lá, olha se eles são contra o empreendimento. Então, pessoal, é isso que eu espero pra vocês. Um bom desenvolvimento e pra nós também e pros meus filhos. Espero voltar fisicamente o tempo inteiro, todos os dias para Caeté. Obrigada a todos.

[01:31:17]

Sr. Vitor Salum: Vamos lá, pessoal, vamos lá, vamos lá, vamos continuar. Raquel, antes de começar eu vou chamar o bloco, tá bom? Já vou chamar o pessoal aqui pra se posicionar pro Grupo 5. Eduardo Paulino, morador do Distrito Rancho Novo. Delmar Nunes, morador do Distrito Rancho Novo. Não sei se é Márcio ou Márcia Mello, eu acho que é Márcio Mello. Metabase BH. É por causa da letra, viu, senhor? Eu não consegui identificar se é “a”, desculpe, não tô... Então, posicionado ali, seis minutos aí pras respostas. Anotei aqui alguns temas, desenvolvimento territorial do terceiro setor, empregabilidade de mulheres, impactos econômicos. Raquel, fica à vontade.

Sra. Raquel Bastos: Obrigada. Annelise, você me inspirou hoje. Obrigada pelas suas palavras. Eu adoro falar do tema diversidade. Úrsula, respondendo a sua pergunta, eu sou uma das incentivadoras de programas de diversidade na Vale. Busco o aumento da representatividade nossa de mulheres no setor mineral. A gente tem programas de jovens aprendizes, a gente tem programas pra mulheres estagiárias, a gente tem programas de mulheres engenheiras na área

de projeto, a gente tem programa pra operadoras de equipamentos de mina, a gente tem o objetivo na Vale, de dobrar o número de mulheres até o ano que vem, de 2019 até 2025 e a gente tá indo muito bem nessa meta, nesse objetivo, né? E eu também tô na Vale, eu tenho 18 anos de empresa, eu também tive grandes oportunidades lá, comecei em Carajás, comecei como engenheira júnior, hoje eu tô aqui ocupando cargo de diretora, também tenho muito orgulho, né? Aqui a gente vê oportunidade, a gente vê incentivo, né? Então assim, vem, porque realmente esse trabalho aqui, esse trabalho de crescimento, ele tá acontecendo e as oportunidades estão aqui. Respondendo sobre benefícios, a gente tem o benefício creche, hoje, pra criança até seis anos de idade, tá? É um auxílio creche que pode ser a criança ir até à creche ou até o auxílio babá também, se você não quiser levar a criança pra escola você tem esse reembolso de babá também na empresa como incentivo, tá? Queria chamar aqui o Luiz pra responder as demais perguntas aí. Obrigada.

Sr. Luiz Fernando: Obrigado, Raquel. Boa noite a todos e todas. Eu me chamo Luiz Fernando, eu sou gerente de territórios. A minha área, o nosso pessoal, é aquele que tem a missão de se conectar com as comunidades, de estar dentro das associações, de sentir as dores de compartilhar os melhores e os piores momentos e de encontrar soluções conjuntas pra que a gente consiga crescer, mas também compartilhar valor com quem é nosso vizinho, com quem vive do lado de fora do muro. Eu vou me dirigir a Úrsula falando um pouco sobre desenvolvimento territorial, Úrsula. Nós já somos parceiros, é muito confortável falar de Caeté em relação ao terceiro setor, porque nós temos tido uma relação muito próxima aos projetos sociais nos quais nós aportamos recursos incentivados, especificamente no Fundo da Infância e Adolescência e no Fundo do Idoso, aqui em Caeté também. Nos últimos três anos a gente tem cerca de 7,1 milhões em aportes nesses fundos que estão sendo gerenciados, geridos, pelo... pelo gestor do fundo, pelo fundo gestor. E sim, no nosso desenvolvimento no Projeto Apolo a tendência é que nós continuemos a nossa parceria, continuemos esse desenvolvimento territorial, nesse caso baseado em recursos incentivados, mas também e principalmente no investimento social voluntário, que é um outro capítulo, é uma outra forma da empresa aportar recursos e a Úrsula bem citou alguns programas que nós desenvolvemos juntos e recentemente, o programa Valorizar, que buscou capacitar 42 instituições e associações no desenvolvimento de projetos sociais, 15 delas foram premiadas com o Capital Semente, e vão ser acompanhadas no desenvolvimento e implementação desses projetos sociais, isso é um investimento social voluntário que a Vale aporta, mas principalmente o legado que se deixa na capacitação de 42 associações, esse sim é o verdadeiro valor porque

elas vão continuar produzindo projetos, apresentando pra outras empresas e girando a economia de uma forma positiva na região. Nós também tivemos o Capacitar, é importante citar o Capacitar, porque ele vai ter uma importância ainda maior. No Capacitar a gente tá preocupado na formação daqueles agentes da sociedade que vão também suportar o desenvolvimento. Eu tô falando do padeiro, eu tô falando... nós tivemos o Capacitar de gastronomia. Então, as pessoas que trabalham nas cozinhas, as pessoas que fazem... não me ocorre a palavra aqui agora, gente. Mas, enfim, as pessoas, doceiras, as pessoas que trabalham com essa área de suporte dentro de por exemplo, padarias, nós trabalhamos com empreendedorismo no último semestre e a gente tem mais turmas do Capacitar projetadas pra esse semestre. Isso independe da vinda do Projeto Apolo pra cá, mas o investimento social da Vale, que hoje passa por esse tipo de aporte, por esse tipo de construção, ele tende a continuar dando suporte não àquela pessoa que a gente pretenda que trabalhe com a gente lá dentro, o operador, o soldador, mas sim àqueles agentes da sociedade que darão suporte, que vão trabalhar nos hotéis, que vão trabalhar nos restaurantes, que vão trabalhar nas pousadas, que vão ser necessários pra suportar o nível de, a melhoria e de aumento da roda da economia nessa região a partir da chegada do projeto. Então, nós hoje pedimos licença formalmente pra andar com o projeto, mas também socialmente pedimos licença pra entrar no território na casa de vocês e poder fazer essa dinâmica da economia melhorar nessa forma, suportando a sociedade, suportando o terceiro setor, suportando aquele que vai trabalhar conosco, ajudando a economia a melhorar. É isso. Obrigado.

[01:38:25]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Então vamos pro bloco 5. Eduardo Paulino, morador do Distrito Rancho Novo.

Sr. Eduardo Paulino: Muito boa noite a todos e a todas aqui presentes. A gente até, que trabalha muito com o social chega até a emocionar com o depoimento da Annelise, né? Então, muito obrigado pelo seu depoimento aí. Meu nome é Eduardo Paulino, eu sou morador do Distrito de Rancho Novo, como já dito anteriormente. Também membro da Associação dos Amigos e Moradores do Distrito de Rancho Novo, é uma chapa recém votada e em processo final de formalização. E também realizo trabalhos sociais no Distrito. Quero agradecer a oportunidade de me manifestar aqui, e me posiciono muito favoravelmente ao Projeto Apolo. Faz parte do crescimento. Sabemos que trará impactos com muitas boas oportunidades, mas também impactos positivos. Com o projeto será incrementado e aumentado aquilo que a Vale já faz muito bem, geração de emprego, movimentação de economia local, desenvolvimento,



aumento dos programas e projetos de qualificação de mão de obra, oportunidade para o empreendedorismo local, tanto no município, quanto nos distritos e áreas rurais da região. Eu não tenho exatamente uma pergunta, mas eu tenho um comentário, que se for possível alguém citar seria interessante. A Vale já se faz presente nas localidades prestando esclarecimentos do projeto e o pedido é pra que faça isso com maior frequência, de forma que chegue até a população o máximo de nível de detalhe, pra que todos saibam o que é o projeto, como tá fazendo agora, né? E principalmente o que a Vale tem feito e ainda irá fazer que gere impacto na localidade, seja referente ao meio ambiente, seja referente a programas e oportunidades. Eu tenho um tempinho restante ali. Eu gostaria de dizer que eu vim de Belo Horizonte e já viajei bastante por aí afora, nos trabalhos sociais, nos trabalhos de voluntário que eu faço, e eu conheço muitas famílias por esse Brasil afora. Eu conheço muitas famílias de Caeté, conheço muitas famílias de Rancho Novo e dos distritos da região. Todas as pessoas que passaram, ou estão, ou passaram ou estão na Vale, hoje têm uma vida mais digna e melhor do que antes de passar por ela. E com o Projeto Apolo não será diferente. Muito obrigado.

[01:40:53]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Eduardo. Delmar Nunes, morador do Distrito de Rancho Novo também.

Sr. Delmar Nunes: Boa noite, eu sou morador do Rancho Novo, tá? Meu nome é Delmar Macedo, não é sobrenome da Vale, que eu acho esse sobrenome muito forte. Eu acredito piamente, tá, nos órgãos de fiscalização, mas eu quero alertar pelo seguinte, a Vale, quem não conhece, deve conhecer o programa Capacitar que a Vale tem, que ela tá nos preparando pro Projeto Apolo. Então, eu sou amplamente a favor do Projeto Apolo, queria que nós tivéssemos hoje essa verba pra administrar o nosso município, tá? Eu gostaria muito. Eu sei que a Vale não é feliz com o que aconteceu no passado, com os impactos que teve, entendeu? Eu sei que ela tá se retratando. Quando acontece um acidente de avião, alguém deixa de viajar no avião porque o avião caiu? Alguém tentou fechar a Boeing? Não. Então, eu acho que a Vale hoje tem uma nova visão pras pessoas que tão fora da empresa. Eu acredito muito na Vale, acredito muito em vocês, tá? Eu tenho a certeza que o Projeto Apolo vai ser muito importante pra Caeté, eu acho que uma administração pública séria vai beneficiar bastante. Convido vocês a ir conhecer o programa Capacitar. Convido vocês a conhecer São Gonçalo do Rio Abaixo, o que tem feito o prefeito, o que tem feito o Poder Público com a verba que entra da Vale. Vá lá conhecer. Não vamos só sentar no banco e ficar metendo o pau, não! Vamos lá ver o que que tá acontecendo. Eu acho que hoje nós temos a liberdade de

aceitar o que a Vale tá falando, e o que os órgãos vão fiscalizar e tão prometendo de fiscalizar, e eu tenho certeza que vão fiscalizar. Sou muito adepto do Apolo, sou defensor, porque a Vale tá fazendo as pessoas enxergarem oportunidades, tá? Então, não vamos ficar só esperando o emprego da Vale não, vamos usar os benefícios que a Vale vai trazer indiretamente pra toda a população de Caeté e de toda a região. Não temos que ficar sentados só querendo um sobrenome da Vale, tá? Eu vejo a Vale hoje nos capacitando, nos dando visão diferente, visão além do horizonte. Às vezes as pessoas tão vendo só a serra, mas vamos ver depois da serra, o que é que vai acontecer, tá? Então sou muito grato o que a Vale tem feito pela comunidade do Rancho Novo, em capacitar aquelas pessoas que não tinham visão de negócio e hoje tão tendo. Obrigado, obrigado Poder Público, obrigado a todos vocês.

[01:43:27]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Delmar. Márcio. Márcio Mello, MetaBase BH.

Sr. Márcio Mello: Boa noite a todos presentes, pessoal da mesa. Estou, assim, represento o Metabase BH diretamente com empregado. Estou há 50 anos no meio mineral, e pra minha surpresa até participar, sou de Nova Lima, vim participar aqui com o pessoal, tô até muito satisfeito com essa explanação que tá sendo fa... essa transparência do plano. E outra coisa que me preocupa muito que às vezes quer confundir a cabeça do pessoal, pela experiência que nós temos, pô! Se o progresso chegar, se a coisa crescer, vem prostituição, vem tudo, vamos parar o mundo por causa disso? Ou será que temos que conviver com o progresso igual está sendo feito, com transparência, a barragem? Não. Que era a preocupação de momento, sei lá o que é que vão arrumar agora. E cidades, moramos no estado de Minas Gerais que temos o privilégio de ter esse solo com todos os minerais. Vamos em cidades minerais que os prefeitos falam: “feliz de mim”, aquele pai de família que sai de manhã tem o privilégio de ter um emprego, deixar um plano de saúde pras criança, ter um cartãozinho de alimentação sim! Caeté é um município que eu acompanho aqui, já teve empresas, hoje eu vejo que os nossos colegas disseram aqui, essa falta de pessoal deslocar nessas BR, a nossa amiga foi muito feliz de demonstrar essa gratidão, que eu estou nesse meio há 50 anos e já passei por tudo, igual não pra ficar sendo repetitivo, que as coisas acontecem e vão acontecer, o outro falou, se um avião cai, você fecha a empresa aérea? Não, você faz mais avião com modernização, com mais segurança, com mais transparência. Então é só isso que eu falo em nome de todos os trabalhador. Feliz daquele que tem uma Carteira assinada, a dignidade de poder sair e ter um salário no final do mês, porque se nós começar a misturar droga com o progresso, aí que nós vamos ter uma coisa, vamos fazer uma bolha e ficar dentro? Eu tenho família, tenho neto,

tenho tudo e tô vivendo nesse meio há 50 anos. Então eu falo isso com sentimento mesmo e com a realidade que eu vivi ela, entendeu? Locais que falaram que ia sumir do mapa, que não sei o quê, que de Nova Lima enxergaria a Praça 7, mentira. O Jambreiro nunca foi tão bem cuidado igual tá sendo cuidado. Então, eu acho que eu sou uma pessoa que posso falar de cadeira que todas as experiências que eu já passei, dificuldades sim, nossos amigos que se foram, mas a vida segue, e não vamos parar por aí não, que possamos fazer esse projeto acontecer e tornar uma realidade, que no futuro eu vou ter o prazer de vir cá e que minhas palavras vão servir, que realmente são fatos que vão acontecer. Se Deus quiser que vocês sejam muito felizes, vamos continuar firmes e fortes, ok?

[01:46:58]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Márcio. Antes de passar pra empresa já vou pedir pro pessoal do Bloco 6 se posicionar aqui. Eduardo Rodrigues, Metabase BH. Luiz Antônio Conegundes, Metabase BH. Júlio Cesar Batista, Secretaria Municipal de Planejamento. Podem se posicionar à direita ali, por gentileza. Vou passar a palavra aí pra empresa. Não teve muitas perguntas não, mas projetos e oportunidades pra comunidade e o Projeto Capacitar são dois temas que a gente viu aqui nas falas.

Sr. Rafael Barbosa: Muito bem, deixa eu ver aqui os pontos que a gente consegue. A gente consegue desenvolver alguma coisa a respeito do desenvolvimento territorial, continuando o assunto de dinâmica econômica porque isso passou pelo discurso, gente, do Eduardo Paulino, do Delmar, que citou o Capacitar aqui também. Eu queria chamar a atenção, nós citamos, começamos a apresentação, nossos colegas falaram alguma coisa a respeito do CFEM, falaram de impostos e falamos também dos empregos gerados direta e indiretamente. E eu já havia na resposta anterior começado a citar como é que a roda da economia, como é que a dinâmica econômica funciona e esses dados que são apresentados, eles não são estanques, eles geram um cone de eventos que têm um impacto direto na economia, e nós vimos que toda essa dinâmica econômica, ela movimenta setores que a princípio nem passa na cabeça que eles seriam afetados de uma forma positiva. Então, eu citei o exemplo da padaria, e eu posso citar o salão de beleza, que é necessário, porque o fluxo migratório aumenta, as pessoas vêm com necessidade de produtos e serviços e você precisa de repente de um mercado maior e o empreendedor enxerga a oportunidade de um mercado maior. E nesse mercado vende-se queijo, e esse queijo pode ser produzido lá em Rancho Novo, lá no Delmar, que participou do Capacitar justamente no módulo de empreendedorismo, por isso ele melhora a produção dele. Visando um padrão de qualidade que atenda um público mais exigente. Então, quando nós

capacitamos através de diversos programas e investimentos sociais voluntários numa ponta, a gente prepara uma população pra receber uma demanda que pode vir em seguida, por exemplo, com a implantação de um projeto de grande porte. Então, nós juntamos uma demanda com uma oferta e a gente tem uma economia pujante, uma economia em crescimento, uma economia inclusiva, que cabe a manutenção dos filhos de Caeté em Caeté sem que eles tenham que sair de casa pra buscar emprego e dignidade. Esse é um papel que a gente acaba assumindo auxiliando sempre a sociedade de uma forma consultiva, conjunta, e o poder público também. Eu queria citar um pouco do que o Sr. Márcio Mello falou, a respeito de... citando sobre a convivência com impactos como, por exemplo, prostituição. Em primeiro lugar tá bem claro no nosso EIA-RIMA, são impactos que são conhecidos e há transparência no processo, e isso faz parte de um conjunto de riscos sociais que nós conhecemos e monitoramos, tá? Existem capacitações que são aplicadas aos nossos trabalhadores diretos e indiretos, aos nossos parceiros, que tocam também na gestão do assédio, na questão da ética, e nós monitoramos através de índices públicos, juntamente com o poder público, a ocorrência de eventos externos às nossas operações, de forma que se necessário a gente entre em conjunto com o poder público, fomentando ações de combate pra mitigação dos riscos. Eu acho que o importante é que a gente primeiro conheça e reconheça a existência desses riscos, e uma vez riscos conhecidos, eles podem ser controlados, combatidos, mitigados. Então é importante fazer essa citação. E ao Eduardo Paulino também, nossos colegas já citaram em outros momentos aqui, Eduardo, a quantidade de interações que nós tivemos com a sociedade, sobretudo nesse último ano e meio, mais de 800 interações, o PIM, o posto móvel que percorreu várias comunidades ao longo desses últimos 12 meses levando informação e coletando questionamentos de vocês, que acabam se consubstanciando em momentos como esse, que aparecem refletidos aqui com algumas respostas já endereçadas. Então, assim, nós tivemos muito presente nos territórios que vão ser impactados positivamente também pelo Projeto Apolo, e nós vamos continuar presentes na medida em que a nossa área, especificamente a área que eu gerencio e a nossa equipe, a nossa missão é estar próximo a vocês acompanhando esse desenvolvimento. Eu já havia citado na resposta anterior. Então, é muito oportuno e interessante a sua observação sobre a necessidade da nossa presença no território, temos estado presentes, vamos continuar mais presentes. Eu gostaria de compartilhar com todos vocês o telefone 0800-285-7000, né? Na pior das hipóteses, não tendo contato direto dos nossos analistas de território, contato com as associações de bairro, que são locais em que a gente convive no dia a dia com as comunidades, esse telefone pode fazer, nos fazer chegar até vocês e responder dúvidas e fazer engajamentos e encontrar soluções

conjuntas pra problemas que eventualmente possam aparecer nessa nossa interface de relacionamento. Então é 0800-285-7000. E é isso, obrigado.

[01:53:02]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Vamos então pro nosso bloco 6. Eduardo Rodrigues, Metabase BH.

Sr. Eduardo Rodrigues: Boa noite a todos. Meu nome é Eduardo Rodrigues e represento o trabalhador, sou do sindicato Metabase BH e eu tenho certeza que muitos de vocês que vieram aqui, que apoiam esse projeto talvez já tenha falado aquilo que eu vou repetir. E a Annelise foi muito feliz no que ela falou aqui, porque ela descreveu aqui também a minha história. Estou há 39 anos no meio mineral e eu apoio esse projeto, eu vi esse projeto nascendo lá em 2009, critiquei, fizemos vários questionamentos, porque nós defendemos o emprego, nós buscamos o emprego e defendemos a condição que... a permanência disso, defendemos a empregabilidade, porque é muito importante. E esse projeto paralisou, voltou novamente, um projeto diferente, projeto que eu estudei, me apresentaram esse projeto, fiz questionamentos e eu vejo muita transparência. E hoje nada melhor do que nós tocarmos as nossas vidas com transparência, com seriedade. Isso é fundamental. Eu sempre falei dentro da mineração, nunca venda ilusão pra ninguém, você pode ser questionado depois, alguém pode bater na sua porta e te cobrar alguma coisa. Aja com transparência. Isso tem transparência. Esse projeto tem transparência, e o mais importante, tá sendo feito com responsabilidade. Pra mim isso é de uma importância enorme. Então por isso eu defendo, eu não vou espichar muito a minha fala porque eu defendo o projeto, é um projeto enxuto, é um projeto se que mostrou aqui claramente da boa-fé que a empresa quer montar esse projeto, fazer esse empreendimento, o que é muito importante para o trabalhador, sem falar do que já foi dito aqui, do crescimento da renda, do crescimento do município, da geração de emprego, as pessoas que eu conheço, que é daqui de Caeté, que sai daqui, que trabalha em Belo Horizonte, que tá na mineração, as pessoas vão permanecer aqui, o crescimento dos seus filhos atingindo a maioria, vindo pra Vale. Então são grandes oportunidades, temos que defender isso. Isso é importantíssimo. Por isso eu sou a favor do projeto, apoio o projeto, e sou um fiscalizador desse projeto. É importante que deixa claro, eu não só apoio, mas eu fiscalizo, eu cobro da Vale aquilo que eu acho que tá errado e tem que ser mudado, tem que ser discutido. Por isso fica aqui o meu apoio. Obrigado.

[01:56:02]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Eduardo. Luiz Antônio, Metabase.

Sr. Luiz Antônio Conegundes: Boa noite. Meu nome é Luiz Conegundes, também sou um dos diretores do Sindicato Metabase Belo Horizonte, e eu não poderia me furtar da responsabilidade de vir aqui hoje defender o posto de trabalho de empregado Vale, tá? É muito importante pra gente esse projeto, porque é o desenvolvimento não só da região, mas também das pessoas que aqui vivem, porque... o som tá um pouco ruim. E aí é muito importante pra gente, então, o desenvolvimento desse projeto pra que ele gere mais postos de emprego. Sei o quanto é importante cada emprego na Vale, porque cada emprego na Vale é uma nova oportunidade que surge, não só pra esse empregado, mas pra família dele, porque o empregado da Vale hoje, ele tem um bom plano de saúde, ele tem muitos benefícios. Os empregados têm inclusive plano de saúde que abrange a questão dos autistas, que ficam à mercê dos outros planos de saúde, isso é muito importante. Mas queria muito falar também, o que a nossa colega da Vale, empregada, disse ali, das oportunidades que surgem pros empregados. Eu, há 20 anos atrás entrei na Vale e tive a oportunidade de ir lá estudar, com bolsa concedida pela Vale e hoje sou advogado. Então, eu gostaria muito que os rapazes, as moças principalmente dessa turma nova aqui de Caeté tivessem a mesma oportunidade que eu, de ter uma possibilidade melhor pro futuro delas, dos filhos, de toda a família. E também queria tocar num outro assunto também que eu acho muito importante, a questão da...

Sr. Vitor Salum: Luiz, você tá com a mão no microfone.

Sr. Luiz Antônio Conegundes: Como se a mineração fosse uma terra sem lei e não é. Há 20 anos eu convivo com a mineração dentro das minas, dentro da mina mesmo, acompanhando todo mundo que trabalha. E assim, não é isso que a gente vê. Então, não tem nada disso de falar de violência, de estupro. O que a gente vê é o que acontece em todas as regiões do país, né? Então não tem nada disso, pregar como se fosse uma terra sem lei. A mineração, pelo contrário, traz muita coisa boa, traz muita prosperidade, desenvolvimento, a Vale, ela investe na região, investe em saneamento básico, na questão da saúde. E é isso, gente. E também gostaria que os pais de família aqui pensassem na possibilidade de seus filhos poderem trabalhar aqui e não precisarem de pegar uma rodovia perigosa e às vezes até perder a vida pelo caminho. Muito obrigado. Boa noite a todos.

[01:58:58]

Sr. Vitor Salum: Júlio César. Júlio, usa esse aqui, ó.

Sr. Júlio César Batista: Boa noite a todos. Aqui eu quero falar em nome do poder público, né? Dizer que nós queremos da Vale é que ela venha participar da vida do Caeteense, e que a empresa entenda que o que for bom para o Caeteense também vai ser bom pra empresa e é o que a gente tem feito nos últimos sete anos aqui na gestão, capacitando os nossos jovens, o pessoal nosso da Fundação Educacional de Caeté hoje bem preparado pra trabalhar na empresa, assim como foi feito aqui com a Annelise, que é um case de sucesso nosso, uma pessoa daqui que tá trilhando o seu caminho dentro da empresa. Que a empresa possa não só gerar aqui emprego, gerar renda, mas sim gerar trabalho, gerar oportunidades pra que as pessoas que tão aqui, que tão dentro da cadeia, elas possam trabalhar, mesmo que indiretamente, de forma a construir, a contribuir pro crescimento do nosso município. E isso é feito de mãos dadas, não só pra empresa, mas principalmente para nós moradores. Vai ser muito importante, é um trabalho de muita relevância que deve ser feito e com muita responsabilidade. É importante dizer também que é um projeto novo, moderno, é o projeto mais moderno de mineração que nós vamos ter no Brasil hoje e que vai ser implantado aqui em Caeté. Caeté que forneceu pra Vale o primeiro presidente, e que vai dar pra gente esse retorno hoje com essa empregabilidade, com esse trabalho, renda, um bom planejamento urbano pra o município e que a gente possa juntos construir um futuro novo pra cidade. A gente possa construir junto à empresa e junto aos moradores, junto ao poder público, novas oportunidades que virão pra novas pessoas. E quero aqui deixar um agradecimento à equipe de relacionamento da Vale, que construiu com a gente aí, o Pedro, o Daniel, aqui o Lauro, outras pessoas que construíram com a gente nesses sete anos que estamos à frente da gestão, um bom trabalho, a gente conquistou vários recursos, várias capacitações, vários programas, o fomento dos nossos fundos do idoso, da criança e do adolescente e que isso continue, que cresça e que desenvolva ainda mais. Muito obrigado.

[02:01:32]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Júlio César. Antes de chamar a empresa pra fazer suas manifestações aí em relação aos temas, que também não tiveram nenhuma pergunta específica, eu vou chamar os integrantes do Bloco 7 aqui pra já comporem o lugar. José Raimundo, vereador, presidente da Câmara de Caeté. Maria Aparecida Mapa Rodrigues. Dulce Aparecida Dias. Pode vir. Quem vai falar pelo empreendimento? Também não tivemos nenhuma pergunta específica aí, né? Mas se você puder abordar de uma maneira ampla o que já foi falado pelos últimos participantes.

Sr. Rafael Barbosa: Não, tá ok. Tem temas aqui sim, relevantes, né? O Eduardo traz aí a questão da evolução do projeto em sintonia com uma transparência que é o que a gente realmente construiu em conjunto. Então estamos abertos, estamos disponíveis e abertos ao diálogo pra cada vez mais esclarecer tudo que for necessário. Então, teremos ele como... sempre bem-vindo aí como fiscalizador, como colocou, né? Teremos, não nos importamos com essa fiscalização em função desse processo de transparência e queremos sim passar o máximo de informação possível pra demonstrar a evolução do projeto. O que o Luiz Antônio também trouxe, ele trouxe questões relevantes pelo fato da gente trazer desenvolvimento por meio do emprego. Mas eu queria destacar também outras questões relacionadas ao desenvolvimento e parcerias e investimentos na preservação ambiental que a Vale traz, né? A Vale, ela traz também investimentos em parceria com unidades de conservação, como foi citado aqui anteriormente pelo Márcio a questão da Mata do Jambreiro, que ele nunca viu tão bem cuidada, queria destacar isso, no investimento que a Vale faz em relação a unidades de conservação. Nós temos a Flona, no Pará, que é o último resquício lá, é protegido e mantido lá naquela região. Então, a gente tem sim parcerias importantes nessa questão. E, por fim, o Júlio colocou essa construção conjunta com também o Poder Público, que é um ator importante...

[02:04:15] - Fim.



**Áudio 3: uirec-20240523\_234139-02.wav**

Transcrição literal (com leves adaptações) de áudio com boa qualidade de gravação.

A atribuição dos nomes às falas foi feita, em alguns casos, por reconhecimento das vozes, há possibilidade de enganos.

Falam:

- 1 - Sr. Vitor Salum
- 2 - Sr. Rafael Barbosa
- 3 - Sr. José Raimundo
- 4 - Sra. Maria Aparecida Mapa Rodrigues
- 5 - Dulce Aparecida Dias
- 6 - Sra. Lorena Martins
- 7 - Sr. Alex Magalhães
- 8 - Sr. Cezalino Rodrigues
- 9 - Sr. Marcelo Casimiro
- 10 - Sr. André de Lima
- 11 - Sra. Tatiana Santana
- 12 - Sra. Débora
- 13 - Sra. Daniela Vieira
- 14 - Sra. Bela Gonçalves
- 15 - Sra. Solange Célia Rocha
- 16 - Sr. Cláudio Zillig
- 17 - Sr. Flávio
- 18 - Sr. Aódi Queiroz
- 19 - Sra. Maria Tereza Moreira
- 20 - Sr. Fulvio Avallone
- 21 - Sra. Maria Luíza
- 22 - Sr. Raul Brandão
- 23 - Sr. Diogo Lira
- 24 - Sr. José Geraldo
- 25 - Sra. Grazielle
- 26 - Sr. Bruno Assis
- 27 - Sr. Matheus Simões
- 28 - Sr. Lucas
- 29 - Sra. Maria Tereza (Teca)
- 30 - Sr. Daniel Neri
- 31 - Sr. Daniel Medeiros?

[00:00:00]

Sr. Rafael Barbosa: [...] da sociedade, e nós estamos fazendo essa construção, estamos aí já há um tempo nos relacionando com Caeté porque o Projeto Apolo, ele tem esse histórico antigo, mas agora está em fase de licenciamento e nós intensificamos essa conversa pra entender também do poder público quais são as demandas e quais são os projetos futuros de Caeté que nós faremos parte em breve desse futuro. Então, queria só reforçar esses pontos. Obrigado, presidente.

Sr. Vitor Salum: Eu que agradeço. Então vamos lá pro nosso Bloco 7, José Raimundo Gomes, vereador, presidente da Câmara de Caeté.

Sr. José Raimundo: Boa noite. Primeiro lugar aqui eu quero parabenizar a Annaelisa, nossa caeteense que falou com o sentimento dos caeteenses aqui hoje, dos jovens caeteenses. Acho que a gente tem que parabenizá-la, que ela demonstrou realmente o que os jovens caeteenses esperam da Vale aqui hoje. Eu já sou vereador por nove mandatos, vou fazer 36 anos que eu sou vereador. Eu tenho uma vida na política. Oito anos, oito mandatos como presidente de Câmara. Estou presidente da Câmara hoje. Então, posso falar com prioridade aqui hoje, o sentimento dos caeteenses, porque eu represento o povo caeteense aqui. Eu fui eleito pelo povo. Fui eleito pelo povo. Então, quando a gente é eleito pelo povo, a gente representa o povo. E eu represento o povo caeteense aqui hoje. Nós somos na Câmara 13 vereadores, 13, tenho certeza que uns 10 é a favor da vaga, talvez 12, 13. Entendeu? Já discutimos várias vezes com a Vale, vários momentos lá na Câmara, na Prefeitura, nós sabemos a importância desse Projeto Apolo pro nosso município. Agora, nós não podemos admitir que pessoas que não vivem no nosso município saem lá de fora pra vir aqui falar o que é bom e o que é ruim pra gente, gente! Nós não podemos admitir! Chega! Nós sabemos o que que é bom. Não precisa a pessoa falar se é bom ou se é ruim não. Nós temos governantes aqui no nosso município que sabem o que é bom e o que é ruim. Nós temos prefeitos capacitado, digno, honesto, que sabe o que que é bom pro município. Nós temos vereadores aqui que sabemos o que que é bom pra nós! Agora, não adianta a pessoa sair lá da capital, eles veio a primeira vez aqui hoje, vem falar o que é bom, o que é ruim. Eu tive a sorte de ir lá em São Gonçalo do Rio Abaixo, antes e depois da Vale. Vai lá agora, como falou aqui, é outra cidade! Parece que é outro país! São Gonçalo é outro país, gente, não é a cidade de São Gonçalo, não! Vai lá, fala um A mal da... lá de São Gonçalo, fala um mal da Vale! Então vai me desculpar, eu tô aqui representando o povo e o povo quer a Vale. Chega! Chega! Desde 2009 eu tô na Câmara com esse sentimento e as pessoas aqui questionando o que é bom, o que é ruim! Nós não podemos

admitir isso. Eu acho que nós queremos a Vale com a responsabilidade que a Vale tem, nós somos pessoas que nós discutimos com a Vale. Eu tomei posse esse ano, 1º de janeiro. A Vale já esteve duas vezes na Câmara! Discutindo o que é bom, o que é ruim. Agora, nós vamos deixar o nosso jovem? Nós temos uma instituição que chama FEC formando em mineração pra sair daqui pra arrumar emprego fora daqui?! Arriscar a vida nessa 381 que é um inferno?! Não. Sou a favor da Vale, tenho certeza que 90% do Caeteense é a favor da Vale. Eu não vi um caeteense aqui até agora, pode ser que daqui pra frente tenha, falar mal da Vale aqui, falar que não quer a Vale. Nós que temos que saber, concorda comigo? O que é bom e o que é...

[00:04:09]

Sr. Vitor Salum: Pessoal, a gente já passou mais de 60% da nossa audiência pública com muito respeito, vamo... vamos respeitar a manifestação de quem tá falando, pra que a gente não corte a palavra, seja positivamente ou negativamente? E aguarde o final pra manifestar. A gente tá num ambiente sadio, de respeito à diversidade e de respeito à informação. Quem pensa diferente, fale, apoie, mas deixa a pessoa fazer a manifestação no tempo dela, assim como os inscritos vão ter o seu tempo de manifestação dentro da lógica da audiência. E positivamente também, tá, pessoal? Vamos respeitar o tempo de fala porque não tem como parar, vou pedir tanto pra lá quanto pra cá que foi positivo e negativo. Então, vamos respeitar o tempo de quem tá falando pra gente não perder a linha aqui na nossa audiência pública, respeitando o que cada um tá falando e depois cada um se manifeste se é a favor ou contra, mas com respeito no momento de fala, porque todo mundo também que foi inscrito vai ter o seu momento de falar e eu gostaria que todos fossem respeitados no seu momento de fala, por gentileza. Eu já expliquei o regimento interno, é uma norma de 2018, a gente não tá falando de uma norma que foi feita pra essa audiência pública, não. A gente tá falando de uma norma aprovada por um conselho de 2018 e nós vamos seguir ela à risca. Se tiver desistente nós vamos chamar os próximos a chamar. Pronto, é assim que vai funcionar essa e todas as audiências públicas do processo de licenciamento, tudo bem? Maria Aparecida Mapa.

Sra. Maria Aparecida: Boa noite a todos. Maria Aparecida Mapa, sou moradora do Distrito do Rancho Novo, professora da Escola Pública Israel Pinheiro e eu tenho aqui uma pergunta pra Vale, tá? Eu quero saber qual a expectativa de contratação dos jovens lá do distrito, porque hoje eu moro lá e eu vejo a condição precária em relação à oferta de trabalho pra esses jovens. Qual a expectativa de vocês de serem assumindo a nossa mão de obra lá? Que é um município carente que necessita muito de apoio, já que vocês vão pra lá, qual que é essa expectativa? Pra que eles não saiam de lá pra ir pra outros lugares? E outra pergunta também, a continuidade

de projetos sociais na Comunidade do Rancho Novo, hoje os projetos já existem, né? Eu, como moradora, já fiz cinco cursos que o Projeto Capacitar, que a Vale trouxe pra nós, né? Nós, principalmente as mulheres do Rancho Novo, nós fizemos esses cursos. E qual que vai ser essa continuidade? Eles vão, né, vão estar prosseguindo ou vai parar por aqui? Isso vai dar esse suporte pra nós lá dentro? Porque é um distrito que precisa de um olhar, já que vocês tão indo, eu, como moradora, eu peço, tenham um olhar cuidadoso pro distrito, que ele realmente precisa. E isso me preocupa muito. Mudança gera ansiedade, tá? É um novo que tá vindo pro Distrito do Rancho Novo e a gente fica nessa ansiedade e a angústia que nós, moradores, temos é: como que vai ser isso? Né? Porque a gente fica na ansiedade de que a gente escuta tanta coisa, o que acontece num distrito que passa por esse processo, né, do novo de uma mineração. Mas eu, pelo que eu já conheço, pelo que eu já conversei, pelo que eu estou interagindo eu tô vendo que tá vindo uma coisa muito boa. Gera ansiedade? Sim, mas não podemos ficar na mesmice, ficar naquela coisa pequena. A gente precisa, precisa muito de mudança e mudança é agora. Vai ser difícil? Sim, mas a gente tem que pensar na frente. Eu não quero que os meus alunos do Rancho Novo tenham que sair de lá pra poder ir pra fora, as mães verem o filho saindo de casa porque não tem uma chance de estudo, não tem uma chance de trabalho. Então, eu peço a vocês, tá? De quem for a responsabilidade da Vale, tenha esse cuidado com esses jovens de lá pra não ter saindo porque hoje eu vejo muitas mães com essa ansiedade. O meu filho não tá mais aqui... Muito obrigada.

[00:09:29]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Maria. Dulce Aparecida.

Sra. Dulce Aparecida: Boa noite a todas e a todos. Eu me chamo Dulce Dias e eu sou funcionária Vale e já tenho um bom tempo de empresa. Então, de Vale, ano que vem eu completo 25 anos e trabalhei no fundo de pensão por oito anos antes. Então, eu tô falando aí de uma experiência de mais de 30 anos na mineração. Então, eu tô falando de um lugar, né, eu conheço o tanto que a empresa evoluiu, o tanto que a gente cresceu em termos de segurança, em termos de sustentabilidade. Então, eu comecei lá em Timbopeba, né? E trabalhei na infraestrutura, trabalhei na operação de mina, trabalhei em planejamento e depois eu tive uma oportunidade, voltei pra cidade natal que é Itabira, o berço da Vale, né? Então também posso falar, né, da cidade onde a Vale nasceu e tive a oportunidade, retornei depois. Lá em Itabira eu trabalhei nas oficinas industriais e fui pro meio ambiente, retornei depois pra Mariana, morei em Santa Bárbara, ou seja, pra resumir, eu já trabalhei nos três complexos, né, eu conheço bem da cidade de Santa Bárbara, de Mariana, de São Gonçalo, de Barão, enfim, de toda a

nossa região. E por que eu tô contextualizando isso tudo? Porque a pergunta é exatamente essa, como mulher, todas essas mudanças que eu tive e muitas das situações foram situações difíceis, situações de fragilidade e eu me senti muito mais segura pelo fato de estar trabalhando na Vale. Então, hoje eu vejo assim, como que isso fez toda a diferença e aí eu sendo mulher, eu gostaria de saber como que a Vale pretende dar continuidade nas políticas e nas diretrizes de quando se trata de diversidade, de inclusão. Então, essa é a minha pergunta. E até porque eu tenho uma filha parda e ela tá entrando no mercado de trabalho, é claro que eu também tenho esses anseios como mãe e eu sou comunidade, já falei isso várias vezes em todas as oportunidades que eu tenho. Não é porque eu sou empregada Vale, porque meu pai é aposentado, tenho irmão, cunhado, enfim. É porque eu sou comunidade. E é isso, muito obrigada.

[00:12:29]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Dulce. Antes de passar a palavra à empresa, aí eu já vou chamar os componentes do Bloco 8. Lorena Martins, Alex Magalhães, Associação dos Moradores do Bairro de Bom Sucesso. Cezalino Rodrigues, Cezinha, funcionário da Prefeitura. Vou passar a palavra à empresa pra falar. Expectativas de contratação dos jovens, mão de obra local, continuidade dos processos de capacitação, diretriz de diversidade, aí foram alguns temas que eu anotei aqui. Beleza?

Sr. Rafael Barbosa: Obrigado pelas três perguntas. A Maria Aparecida Mapa citou aí a questão da contratação de jovens, reforçar o que a gente já colocou, a Vale tem sim esses programas e quando nós estamos trabalhando com um projeto específico num determinado território nós conseguimos desenhar alguns programas específicos pra aquelas comunidades. Mesmo a empresa já tendo programas específicos como o Jovem Aprendiz, como outras bases de capacitação, a gente consegue olhar com cuidado aquela comunidade e fazer programas específicos pra aquele nível de demanda que aquela comunidade tem, se tem muitos jovens, se tem muitas pessoas em determinada qualificação ou não, a gente consegue ter esse olhar mais direcionado. Então, agradecer a participação dela nos cursos que ela fez do Capacitar e que com certeza sim eles irão continuar, estão previstos mais rodadas do Capacitar agora pro segundo semestre e a gente, com o Projeto Apolo chegando nós vamos ter oportunidade de entrar mais na comunidade e trazer ainda mais cursos de capacitação, ligados ou não ao Projeto Apolo. Então, é reforçar que esse é um trabalho que tá iniciando de diálogo e que já está tendo bons frutos. Em relação ao que a Dulce trouxe, agradecer também pela sua história aí na empresa de tanto tempo e rodou por diversas operações e ela colocou... um ponto

importante que ela trouxe em relação aos programas de diversidade e inclusão, né? A Raquel trouxe aqui muito bem no início, a Vale tem suas metas de equidade, tanto de gênero, de raça e de pessoas com deficiência. A meta de mulheres na empresa, ela vai ser atingida em 2025 quando a meta era ser atingida em 2030, então antecipamos cinco anos, vamos dobrar o número de mulheres na empresa, tanto em cargos... em todos os cargos, inclusive liderança. A gente saiu aí de 13% do quadro, estamos chegando a 26% do quadro e isso tende a aumentar. Com relação também às questões de profissionais negros, tanto na empresa e na liderança principalmente, também um programa forte que estamos aí caminhando pra atingir nossas metas. Então sim, a diversidade é necessária pra que a empresa represente nela o que a sociedade tem. Então, a gente precisa trazer a sociedade pra dentro de casa usando a diversidade. Isso vai continuar, inclusive, no Projeto Apolo, de maneira forte. Obrigado.

[00:15:57]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Então, vamos aí pro nosso bloco oito. Lorena Martins.

Sra. Lorena Martins: Boa noite. Boa noite a todos. Meu nome é Lorena, sou moradora aqui da cidade de Caeté e eu tenho duas perguntas pro pessoal, qual que é a previsão de encerramento dessa etapa, né, de licenciamento e qual que é a previsão de início das atividades de implantação do projeto? Obrigada.

Sr. Vitor Salum: Alex Magalhães, Associação dos Moradores do Bairro Bom Sucesso.

[00:16:51]

Sr. Alex Magalhães: Boa noite a todos. O meu nome é Alex Magalhães, moro em Caeté há 47 anos e a gente sabe a realidade dessa cidade. Já fui vereador, nós estamos aqui numa grande caminhada agora, mas eu vi aqui vários pontos que eu gostaria de chamar a atenção de cada um de vocês. As pessoas são tão maldosas que quer desviar o foco de qualquer jeito! Por que que eu falo? O acontecimento que teve em Mariana, a Vale não indenizou várias pessoas? Ela acha que não fez ainda? A Vale já fez o papel dela. A gente segue as coisas. Aí eu fico vendo aqui pessoas, assessoras de deputado estaduais e federais ganhando cinco, seis mil reais pra estar aqui hoje pra falar de quem? Da Vale, que nem mora na nossa cidade. É muito fácil jogar pedra, falar mal da Vale porque eu tenho certeza que as famílias deles não sabe o quanto que custa uma compra em Caeté. Eu sou pai de cinco filhos, eu tenho 47 anos. Quando a Vale acabar de instalar eu vou tar com 60! Eu quero ao meu filho uma oportunidade na Vale amanhã. É a geração de emprego e renda! Nós merecemos, junto com a Vale um hospital

melhor, uma cidade melhor, uma segurança melhor. Quem que não quer? Eu vi aqui um rapaz falando até mal das prostitutas! Aonde, que ponto que nós chegamos um ambientalista falar mal... falar bem do seu próprio negócio? Não! Eles quer atacar até as prostitutas do Brasil. Aonde nós chegamos? Que nível! Agora me fala, gente, são seres humanos. E outra verdade, vocês podem falar mal de prostituta, mas prostituta vai aonde tem dinheiro, não vai aonde tá a cidade quebrada, não. E as pessoas têm que respeitar o ser humano. E vocês tão “debrilhando” tudo aqui pra Vale não vim pra Caeté e nós torcemos, vai vir, vai gerar emprego, renda, segurança... e eu vou pedir pra vocês aqui, o Senai tem que vir pra Caeté não é pra amanhã, depois não, é pra ontem! Capacitar os nossos jovens, capacitar os nossos filhos, porque amanhã Caeté não vai ser reconhecido só por Caeté e Belo Horizonte, não! Vai ser reconhecido pelo mundo! Porque a Vale pode ter... Quem não erra?! Aquele que não tem pecado aqui, que jogue a primeira pedra! Mas eu tenho certeza, vai melhorar muita família na cidade de Caeté. Uma boa noite.

[00:19:56]

Sr. Vitor Salum: Cezalino Rodrigues, Cezinha. Obrigado aí tá Alex?

Sr. Cezalino Rodrigues: Boa noite a todos. Sou o Cezinha lá do Rancho Novo, eu até quero agradecer aí ao Projeto Capacitar que é feito na nossa escola Israel Pinheiro. O pessoal tá gostando muito desse curso, tá gerando muita expectativa boa pra todos. E eu quero começar uma pergunta, já que nós tamos falando de mobilidade, de transporte, que seria: nós temos lá a MGC-262 que liga Caeté a Barão de Cocais sentido a Sabará. Como vai aumentar o fluxo de trânsito, seria uma duplicação se necessário. Hoje é [questionado? Considerado? - 00:21:05] alta velocidade, é uma rodovia de 60, mas essa duplicação seria necessária. Sabemos ainda que não tá em término a rodovia, mas se duplicando melhoraria, não seria uma duplicação igual a 381, mas igual a algumas MGCs aí que melhora muito. Investimento aí na saúde, educação, no caso de uma universidade na nossa cidade e entre outros. Investimento na nossa escola municipal, que ela, [?] seria até bem maior, pode trazer alguns cursos em outras áreas e também melhoraria em questões de educação, mobilidade até dentro do nosso distrito, não só no nosso distrito, em todo os distrito em si. Eu acho que esse ponto da saúde nos distritos também seria bem-vindo, até mesmo com a implantação de uma ambulância que ajudaria tanto no deslocamento do nosso distrito que é do Rancho Novo sentindo a Barão de Cocais que é outros tratamentos e a Caeté até Belo Horizonte. E em questão ambiental, hoje, no distrito de Rancho Novo é construída uma usina fotovoltaica. Poucos conhecem, mas ela está sendo construída próximo a uma fazenda do Santinho Peixoto, que ela vai trazer acredito aí

muito investimento pra Caeté, energética também ia ajudar muito nessa questão de falhas na questão energética. Hoje, dentro do distrito, tá tendo até uma considerável trânsito enorme. Temos ali uma alça rodoviária que era necessária o término dela. Ainda não tá concluída, era bom que o Governo do Estado desse uma atenção especial pra esse local, até mesmo que tem algumas questões de drenagem que vai afetar a comunidade. Eu acho que era um ponto que era pra ser atendido. Obrigado a todos.

[00:23:36]

Sr. Vitor Salum: Obrigado César. Antes de passar pra empresa, vou chamar o Bloco 9 pra já ficar composto ali. Marcelo Casimiro. André de Lima, ICMBio, Tatiana Santana, Parque Nacional Serra do Gandarela. Podem compor ali a mesa pra que a gente possa... A mesa não, né? O local que a gente destinou ali pros blocos. Pras respostas do bloco 8 aí, previsão do projeto, necessário duplicação de vias, investimento da educação, saúde, previsão desses investimentos.

Sra. Débora: Obrigado. Boa noite, meu nome é Débora, eu trabalho na equipe de estudos ambientais e licenciamentos da Vale. Eu vou responder a pergunta da Lorena sobre a questão do prazo da fase do projeto. A gente aqui tá nessa audiência pública pra licença prévia do empreendimento, é uma licença de viabilidade ambiental e essa audiência pública é uma parte do processo de licenciamento, então depois que acabar, o órgão ainda vai analisar e a gente espera que depois disso a gente receba essa licença que ainda não nos dá o direito de implantar o empreendimento. Então a gente vai ter a viabilidade ambiental e o direito de continuar o processo de licenciamento e aí a gente tem outros estudos a apresentar e tem uma nova fase de análise. Então, a gente acha que essa LI e o início de implantação do empreendimento pode sair por volta de 2027, depende muito de como ocorra essa análise. E a implantação do empreendimento, ele tem aproximadamente 4 anos, próximo de 4 anos. Então, aí a gente iria até mais ou menos 2031, 32 que é quando a gente tem uma expectativa então de operação desse empreendimento. Esses prazos, eles são estimados com base nos prazos que o órgão tem pra analisar e com a experiência que a gente tem dos prazos de análise de processo, mas isso depende de diversos fatores, suficiência das informações e etc. Eu queria só dar essa ideia, a gente tá aqui hoje, mas não vai começar a operar o ano que vem. Então, é um processo que ele é longo e é necessário porque exige que seja analisado realmente em detalhes, a gente precisa incluir vários atores, não é só o órgão ambiental, é o ICMBio, é a Prefeitura, é o SAI, foi citado aqui a APA Juca Vieira, ele também participa do processo de licenciamento. Então



ele é longo e ele tem que ser longo., né? Eu vou chamar então o Rafael pra complementar as demais respostas sobre capacitação e a questão do trânsito, solução viária.

Sr. Rafael Barbosa: Obrigado Débora. Vamos continuar aqui, né? O Alex que citou sobre geração de emprego, melhoria de investimento público e também fez aí um pedido em relação ao Senai em Caeté. Bom, com relação à questão da geração de empregos a gente explorou aqui bastante, a gente realmente reconhece essa força que o projeto tem. O projeto vai sim fomentar o desenvolvimento a partir da geração de emprego e da diversificação econômica. E com relação à questão da melhoria no investimento, essa audiência aqui, ela é importante também pra isso, né? Então ele trouxe, olha a necessidade do SENAI. Então a gente recolhe essa informação, isso a gente também já tinha escutado de outros fóruns na comunidade. Então é sim, a gente já avaliou junto ao RH qual o momento pra trazer essas parcerias. Então, isso existe um planejamento, nós temos no projeto previsto a curva de mobilização que a gente fala, né? Então, por exemplo, para operação a gente já sabe quando exatamente a gente precisa ter um operador treinado, a partir desse momento a gente faz a conta reversa, quanto tempo ele vai ficar sendo treinado em determinadas funções, determinadas habilidades pra que ele seja contratado. Então, isso já está um plano e também incluindo as parcerias, Sesc, Senai e outras entidades aí. Então, quando a empresa estiver instalada, se for necessário, inclusive uma unidade física do Senai aqui, podendo ser antes do projeto ou depois, isso vai estar contemplado no nosso plano. Em relação à questão que o Cezinha trouxe, né, eu agradeço a pergunta dele, as considerações. Ele trouxe questões relacionadas aí a investimento em educação, lá na escola, eu acho que tá incluído nesse pacote que eu acabei de falar e vou passar pra parte da mobilidade que ele citou. Está sim acontecendo investimento lá em Rancho Novo pra construção de uma alça, pra uma via que vai tirar ali o trânsito de... o trânsito em geral do centro da cidade, nós estamos acompanhando... do centro do distrito, desculpa, nós tamos acompanhando essa obra, né? Essa obra é de extrema importância porque porventura essa obra não for concluída pelo Governo do Estado nós precisamos ali continuar conversando pra que algo seja feito, porque não é realmente admissível passar e cruzar por dentro de um distrito como o Distrito de Rancho Novo. Então a gente tá acompanhando esse investimento do Governo do Estado lá e vai ser muito importante aí pra todo mundo. Em relação à questão de duplicação de MGC em função do projeto, eu gostaria de citar o seguinte: o Projeto Apolo, ele não tem o escoamento do minério por caminhão e por rodovia. Então, o que a gente tem são transportes relacionados a funcionários e na fase de implantação a insumos e materiais pra obra. Então, no caso da implantação ele é um transporte que vai

aumentar de forma temporária porque nós temos um volume lá de movimentação pra obra e depois pra operação é um volume menor de movimentação de tanto caminhões quanto equipamentos, porque, de novo, o minério vai ser escoado por ferrovia. Então, a gente precisa receber essas sugestões e entender como vai funcionar, mas eu entendo por todas as análises que nós fizemos que uma duplicação ali não seria cabível, mas obviamente nós vamos acompanhar tudo. Então, agradecer e reforçar esses pontos aí e seguimos pro próximo.

[00:29:58]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Vamos então pro bloco 9. Marcelo Casimiro.

Sr. Marcelo Casimiro: Boa noite a todos. Meu nome é Marcelo Casimiro, sou de Caeté e a gente não sabe o que é um legado. O primeiro presidente da Vale do Rio Doce é de Caeté, ele nasceu em Caeté, foi governador do Estado de Minas Gerais, que é o Israel Pinheiro. E hoje na terra do Israel Pinheiro a gente vê esse empreendimento chegando. Queremos uma cidade próspera, uma cidade de futuro, com responsabilidade do meio ambiente, com as condicionantes sendo cumpridas. E Caeté passa por um dos piores problemas de geração de emprego já feita, tínhamos aqui a Companhia Ferro Brasileiro que gerou quase 6 mil empregos e depois que ela foi embora da nossa cidade nós ficamos aí com o sonho da volta da Ferro Brasileiro e com a esperança da chegada da Vale. Acreditamos que esse projeto tenha sim uma responsabilidade muito grande sobre essa questão do meio ambiente, principalmente após os acontecimentos. E gostaria de saber da Vale do Rio Doce em qual momento é discutido as contrapartidas com o município de Caeté, quais são os envolvidos nisso e como funciona. Esse legado do Israel Pinheiro e do seu pai João Pinheiro, pra Caeté é feito através de uma frase que ficava no gabinete do ex-governador João Pinheiro, que eu acho que é o espírito de nossa cidade: “amo a luta com vertigem. Gosto das dificuldades que desafiam a minha atividade. Sou fanático dos grandes obstáculos que exigem esforços supremos. O imprevisto me deslumbra e a necessidade das grandes ocasiões me fascina”. Então, é isso que eu tinha pra falar.

[00:33:07]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Marcelo. André de Lima Andrade, ICMBio.

Sr. André de Lima: Boa noite, queria cumprimentar a todos o pessoal do Estado, né? Tá conduzindo a audiência aí com muita assertividade, não é um dia fácil, já participei de muitas. Bom, queria me apresentar, né? Eu sou André de Lima Andrade, servidor público, analista

ambiental e atual gestor do Parque Nacional da Serra do Gandarela. Eu acho que inicialmente é importante esclarecer qual que é o papel do parque do ICMBio nesse processo de licenciamento, o estudo de impacto ambiental e o processo é conduzido pela equipe do órgão estadual do meio ambiente e nesse processo de licenciamento o ICMBio é consultado, uma vez que o empreendimento vai gerar impactos bastante significativos no Parque Nacional. Então, a FEAM vai encaminhar o estudo para a gente e vamos avaliar esse estudo com bastante detalhe, né? Vamos fazer vistoria, parte da equipe que vai avaliar esse estudo também tá aqui, o pessoal ali atrás, a Tatiana que vai falar depois de mim. Mas ainda que esse estudo não tenha sido encaminhado pra gente, nós viemos aqui hoje pra conhecer o projeto. Agora, confesso que eu estou bastante preocupado, assim, porque muito já se foi falado aqui em relação aos impactos que ocorrerão no Parque Nacional, né? Impactos bastante significativos sobre os diversos valores que justificaram a criação do parque. Então, o impacto sobre a paisagem, então aquela vista maravilhosa que a gente tem hoje do Mirante do Gandarela vai ser afetada de forma bastante significativa, em relação a sua biodiversidade, em relação à sua flora, em relação à fauna. Por exemplo, os animais que transitam na área que vai ser afetada pelo empreendimento, né, se ele for adiante, eles também transitam dentro do parque, então hoje a área que tá sendo projetada de lavra é um grande corredor ecológico para a fauna que transita dentro do Parque Nacional, ele vai ser afetado em relação aos seus recursos hídricos, né? Muito já foi falado aqui sobre a importância dos aquíferos, a possibilidade de ter diminuição de vazão, o rebaixamento bastante significativo que tá sendo proposto, né? E eu tô lendo ali alguns dados do estudo de impacto ambiental. O parque vai ser afetado em relação aos seus atrativos, então algumas cachoeiras serão afetadas, ele vai ser afetado em relação aos seus acessos, hoje a lavra tá projetada em cima de um acesso ao Parque Nacional que é feita inclusive pela comunidade aqui de Caeté. Então, isso nos causa bastante preocupação, né? A gente ainda não tem um juízo de valor se o empreendimento vai...

[00:36:36]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, André. Só esclarecendo aí que a gente tá numa fase bem inicial do processo, ao seu tempo e modo toda a documentação vai ser estritamente encaminhada pro Parque do Gandarela, pro ICMBio pra que a gente cumpra todos os requisitos legais de análise, assim como todos os nossos processos de licenciamento. Ainda tamos numa fase bem inicial de análise, por isso que não foi enviado, beleza? Tatiana, fica à vontade.

Sra. Tatiana Santana: Boa noite. Eu vou tentar pontuar algumas questões aqui pra tentar ser breve também, porque eu gostaria de falar muitas coisas, porque eu estava na audiência ontem em Santa Bárbara também. A princípio eu fui só para assistir e para conhecer mais do empreendimento e das opiniões diversas, né? Que tiveram ontem e hoje, mas como o parque foi muito citado tanto ontem, por todas as partes, né? Que compõem essa audiência, então a gente achou importante a gente se manifestar porque percebemos que seria importante. Então eu vou começar falando dos impactos que têm relação com o que o André mencionou anteriormente, os impactos em atrativos do Parque, né? Das cachoeiras que existem no Parque Nacional da Serra do Gandarela, das três principais, são aquelas que são mais visitadas, duas... eu soube hoje aqui inclusive, né? Pelos documentos que foram apresentados, que duas delas serão impactadas. A Cachoeira Santo Antônio, que consta no EIA-RIMA, o Poço Azul. Aí olhando no mapa que foi apresentado aqui do EIA-RIMA, sobrepondo ao nosso a gente verificou que tem outros atrativos que serão impactados, Poço do Tonhão, Goianás, Cânions do Prata, Cachoeirinha do Café, dentre outras. Apesar, né, desse impacto que a gente verificou a gente ouviu muito também ontem e hoje, a gente percebeu, né, pelos estudos que diversos impactos talvez não tenham sido, a gente não viu o documento ainda, mas pela apresentação nos pareceu que alguns impactos não foram analisados dentro do Parque, como por exemplo, a qualidade do ar, os ruídos e vibrações, porque dos mapas que foram apresentados não tem pontos de análise realizados dentro do Parque. E a gente acha fundamental que o EIA-RIMA chegue pra gente considerando todos os impactos dentro do parque, inclusive com análises cumulativas dos impactos considerando os outros empreendimentos da Vale e de outras minerações porque essa é uma recomendação inclusive do próprio plano de manejo do Parque. Temos preocupação vindo de ontem pra hoje, a gente passou por dentro do Parque, ficamos preocupados com a estrada. A Lagoa do Metro que tá muito próxima ali, que é uma lagoa raríssima de altitude, uma lagoa cáustica, tudo indica que ela também será impactada. Então, assim, é fundamental que a gente receba os estudos considerando o Parque que pelo que a gente...

[00:40:26]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Tatiana. Antes de passar pra empresa aí pra falar sobre as respostas já vou pedir que os integrantes do Bloco 10 posicionem aqui. Daniela Vieira, moradora de Rio Acima. Deputada Bela Gonçalves, Deputada Estadual. Solange Célia Rocha. Então, alguns pontos aí, contrapartidas ao município, quando e como funciona, papel do

Gandarela, os impactos no parque, impactos na cachoeira, estrada de acesso, o que vocês puderem trazer aí de contribuição sobre esses temas serão importantes.

Sr. Cláudio Zillig: Bom, apenas pra contextualizar, o estudo de impacto ambiental que foi feito e que será submetido ao Chico Mendes, claro que aqui a gente fez uma apresentação muito rápida, com os principais aspectos que foram mapeados, identificados no processo, só que o estudo de impacto ambiental, ele traz todo o detalhamento, todo o esforço, os levantamentos que foram realizados no território, tanto no que diz respeito ao meio físico quanto ao meio biótico e também à sócio, aonde a gente tem a partir de todo esse mapeamento, é um trabalho que demorou mais de anos, a gente já conhece o território desde o início dos tempos, então nós temos uma base de dados muito importante pra subsidiar inclusive essa avaliação e identificação dos impactos. E, conseqüentemente, a partir dessa avaliação dos impactos ambientais é possível também a gente identificar as áreas de influência e de ocorrência desses impactos, né? O que efetivamente vai ser interferido. Então, só pra deixar claro que hoje aqui a gente deu uma esplanada rápida do estudo e tenho certeza que a partir do detalhamento que vocês vão receber, o Chico Mendes vai tar recebendo, ele vai ter condições de fazer uma avaliação em detalhes e qualquer dúvida a gente, claro, tá sempre à disposição. E só aproveitando, a gente tem todo o levantamento, o Flávio vai explanar um pouco mais sobre a questão, mas a parte de impactos nas cachoeiras, a gente não tem nenhum impacto dentro do parque, né? Nós temos interferência em seis cachoeiras fora da área do parque e três cachoeiras que ficarão ou terão seu acesso limitado, porém elas já estão dentro da área da Vale. Então, assim, só pra deixar claro, o estudo traz todo esse detalhamento, traz toda essa informação, tá? Realmente de uma forma clara, quem tiver analisando e vendo o estudo vai perceber todo esse cenário o estágio que está. Eu agradeço, vou passar pro Flávio agora, ele continua.

Sr. Flávio: Boa noite a todos. Obrigado, André, por trazer essas questões vinculadas ao parque. Antes da gente entrar especificamente aqui, eu vou focar um pouco na questão da biodiversidade. Eu só queria mencionar que esse estudo, a parte do meio biótico pra vocês terem uma ideia, ele foi composto, nessa última versão dos estudos, por 23 profissionais. Então é uma diversa gama de especialistas que trabalharam e aprofundaram dentro do conhecimento daquele território. Pro meio biótico especificamente, aí a gente falando de impactos, foram previstos, como o Cláudio fez aqui na apresentação, quatro impactos, né? Perda de hábitat, perda de indivíduos da biota sendo que esses dois impactos, eles não possuem uma relação direta com o parque porque eles são mais expressivos na área de

implantação do projeto, ou seja, onde haverá atividade de supressão de vegetação. Além disso, também foi mapeado o impacto de alteração da paisagem. Esse impacto dentro do meio biótico, ele foi analisado sob uma ótica ecológica, né, de conectividade entre os ambientes naturais por exemplo. E, além desse impacto de alteração da paisagem, também há alteração das comunidades da biota, né? Esses dois últimos impactos que eu mencionei, eles podem se manifestar sim na região de entorno do empreendimento, né? Podendo incluir áreas do PARNA que estão mais próximas ali ao projeto, né? Em determinados locais mais, determinados locais menos, por conta de aspectos topográficos e características e atributos ali do território mesmo. Esses impactos então que podem abranger esse entorno do empreendimento, eles tendem, de acordo com os modelos gerados, a gente fez uma série de análises de paisagens, eles tendem a ser minimizados pela própria representatividade de ambientes naturais que existe ali no entorno. De toda forma, foram previstos um conjunto, um amplo conjunto de ações ambientais pra não só mitigar esses dois últimos impactos, principalmente que eu tô falando aqui, mas também acompanhar esses efeitos, então, são programas de monitoramento, ações de monitoramento no território como um todo pra que caso necessário, seja identificada ao longo dessas ações de monitoramento alguma alteração ou algum efeito adverso, esses efeitos possam ser mapeados e devidamente tratados ao longo do processo. Bom, eu acho que era isso que eu tinha pra falar aqui, se alguém quiser complementar...

Sr. Rafael Barbosa: Queria fazer um complemento a respeito aí à pergunta do Marcelo Casimiro. Ele perguntou objetivamente qual o momento que serão discutidas as contrapartidas e quem participa. Então nós estamos colocando, Marcelo, que nesse processo do empreendimento que tá sendo concebido agora até a sua aprovação principalmente, que é na fase seguinte, haverá uma discussão ampla, uma discussão com a comunidade em si. Então, esse é o momento que começou agora e deve ir até mais fortemente a próxima etapa quando a gente discute a licença de implantação. E, obviamente, isso vai continuar ao longo da operação e ao longo da operação, mas essa fase agora, ela é uma fase muito importante porque nós tamos diagnosticando como tá a comunidade, na próxima etapa nós vamos detalhar os planos e aí inclui essas contrapartidas de forma mais detalhada. E depois isso vai sendo desenvolvido ao longo da operação. E quem participa? Obviamente, eu tô colocando como obviamente porque a gente tem falado muito sobre a participação da comunidade. Então, sociedade civil como um todo, representantes do terceiro setor...

[00:47:55]

Sr. Vitor Salum: Então vamos aí pro nosso bloco 10. Daniela Vieira, moradora de Rio Acima.

Sra. Daniela Vieira: Boa noite. Primeiramente, né, teve gente que falou assim, “ah, tem gente que vem de longe”... eu vim de Rio Acima que é uma das áreas impactadas, que não teve audiência. Eu vim, tem três horas, demorei três horas pra chegar aqui e ontem quatro horas. Então, ou seja, quando se fala em transparência, isso não aconteceu. Não teve audiência pública em Rio Acima. E eu penso assim, é muito fácil falar da Vale quando você não é um dos 250 funcionários que foram mortos durante o crime de rompimento. Que bom... quem falou aqui das opiniões de Caeté, que bom que você conseguiu chegar na sua casa, que bom que você não foi morta, que bom que você não foi um dos 250 trabalhadores da Vale que foi o quê? Destruído, moído pela lama. E o emprego que vocês têm, ele é temporário, assim como os 29 anos de Apolo e eu entendo essa angústia porque eu venho de uma cidade que tem um histórico de mineração. Hoje, não mais. Quando a gente fala aqui de parque, às vezes... tem gente que gosta de tirar o foco, né? Ainda mais que é ano político, pensar que uma cidade é dependente da mineração, então a política falhou. Então já começa por aí. Porque aqui mesmo já se falou em vários depoimentos, primeiro tinha uma mineradora que acabou, teve outra que acabou. E eu entendo a angústia, é muita angústia não ter emprego, mas vamos ser bem claros? São 29 anos de emprego e a custo de quê? De explodir aquífero, explodir! Porque nenhuma atividade econômica, inclusive a mineração, ocorre sem água! Não existe mineração sem água, não existe produção qualquer sem água. Eu sei que todo mundo tá inebriado com os 740 empregos para 29 anos... A mineração é finita, o minério é finito. Se a gente não pensar em economia circular, o minério é finito! Nós vivemos sem mineração? Sim. Sem minério a gente tem que pensar, mas sem água é impossível! Nós tamos falando da última reserva de água, inclusive a de vocês de Caeté e a minha de Rio Acima. Nós tamos falando de água! É muito fácil falar da Vale quando você não é atingido. A minha família foi atingida pelo rompimento. Eu sei o que que é ficar sem água, vocês ainda não sabem. Mas tá legal falar dos 740 empregos que tá de... Opa! Os diretos? Mas se tiver parque com vários atrativos, a história que a nossa região tem, só um Circuito Gandarela, isso gera muito mais emprego por muito mais tempo e empregos sustentáveis! Até quando nós vamos ficar aqui mendigando ambulância, qualidade de vida, formação?! Gente, nós temos potencial, não temos que ficar dependentes da mineração. Então, que bom que vocês voltaram, porque 250 funcionários foram mortos. Esse é o valor do trabalho pra Vale. Pensem no tipo de trabalho, o tempo do trabalho...

[00:51:35]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Daniela. Deputada Bela Gonçalves.

Sra. Bela Gonçalves: Obrigada, boa noite, Caeté. Hoje eu tô aqui como cidadã, mas também como poder fiscalizador dessa audiência pública, que por diversas razões que vão sendo discutidas na justiça, mas também pela forma como o debate aconteceu, é absolutamente insuficiente e enviesada, motivo pelo qual nós vamos fazer nova audiência pública na Assembleia Legislativa, além de visitas técnicas, tudo o que for necessário pra que a população de Caeté e da região sejam suficientemente esclarecidos sobre o que está em jogo aqui nesse debate. Bom, gente, eu queria dizer que eu tenho acompanhado muito a mineração no nosso estado e eu tenho propriedade pra dizer que muito do que foi dito hoje aqui pela Vale é uma lavada mentira pra população. Em primeiro lugar, a Vale não deveria estar aqui autorizada a contar mentiras e passar essas mentiras na televisão depois de assassinar 272 pessoas em Brumadinho, 19 em Mariana e até hoje a gente não tem ninguém preso! Nenhuma pessoa responsabilizada pelo que aconteceu. Em segundo lugar, porque nós sabemos que a Vale apresenta e aprova um projeto de licenciamento que depois ela mesma altera, coisa que vai ser depois reajustada por um termo de ajuste de conduta pela Secretaria do Meio Ambiente. Portanto, o projeto que tá sendo apresentado aqui é apenas uma parte de um projeto que provavelmente vai ser alterado, porque é isso que ela faz todas as vezes! Não existe as palavras “sustentabilidade”, “diálogo” e “respeito” que caibam na boca da Vale. Nós estamos falando de 400 milhões de toneladas de montanha moída! Isso não é sustentável. Nós estamos falando do rebaixamento do lençol freático no maior aquífero do quadrilátero aquífero, isso não é sustentável. Não há mineração sem rejeito e quando a Vale diz isso ela tá colocando uma mentira lavada que ela mesma desmente quando você vai pegar os estudos do EIA-RIMA. Gente, pra além disso, a Vale não repara direitos. Se a gente for hoje em Brumadinho a gente vai ver uma população sem água, as famílias que perderam seus familiares não tiveram sua reparação acontecendo até hoje e ela, que também é dona da maior parte da Samarco, está se negando a dar uma indenização justa para as famílias atingidas pelo crime de Mariana, depois de tantos anos a gente não tem nem a reconstrução do Bento, a gente não tem nada! A lama está em grande parte daqueles municípios como se o crime tivesse acontecido ontem, isso é o que mostram as nossas audiências públicas. Por fim, Caeté vai ficar...

[00:55:11]

Sr. Vitor Salum: Deputado, por favor, respeita... respeita por favor o regimento, foram 36 cidadãos que respeitaram todos os três minutos. Então, tudo ok. Então, vamos respeitar. Você



falou que ia concluir, né? Claro. A senhora tem total legitimidade de fazer isso lá, mas essa aqui segue o regimento da 225. Perfeito? Solange Célia.

Sra. Solange Célia: Boa noite. Ó, eu sou de Raposos, viajei três horas e meia pra chegar aqui porque eu vim com a Daniela. E por que eu estou aqui? Primeiro porque eu quero a minha Serra do Gandarela, porque ela é minha e ninguém tem o direito de chegar, destruir, matar, nem é gente que eu tô falando, não, são os animais, as flores que estão ali. Eu não sei como que consegue imaginar aquele barulho, aqueles estrondos de dinamite, que eu fui criada com dinamite na minha cabeça constantemente, porque em Raposos a Mineração Morro Velho estourava dinamite e a minha mãe falava: “morreu mais um”. Eu fui criada assim. Então, eu fico imaginando as onças, as formiguinhas que moram lá na serra porque elas são muito importantes para nós, eu acredito que todo mundo tenha esse conhecimento, elas são muito importantes e vão morrer com o estrondo de dinamites. Pensem nisso, gente. Pensem na nossa água, na nossa serra, na nossa vida, no futuro. Nós precisamos disso, não é nem no futuro, é agora mesmo, tá? Outra coisa que eu quero perguntar é... Cadê a pergunta? Eu poderia fazer... ai, eu tenho muito tempo! Eu vou aproveitar meu tempo. Eu poderia fazer várias perguntas aqui, como por exemplo, será que se fosse a minha filha, a única que eu tenho, se ela tivesse sido esfaqueada ali naquela barragem que arrebentou, será que eu falaria... Ô, gente, eu tô tremendo! Será que eu falaria: “bola pra frente, a vida continua”? Será que isso não tem que ser lembrado todos os dias não? Porque a mãe com certeza lembra. A outra pergunta eu esqueci... ah, tá, essa é engraçada eu acredito, mas eu quero resposta. Eu tenho direito à resposta. Eu quero saber como que repõe a água no aquífero. Não, gente, eu não tô nervosa, não. Como repõe a água no aquífero? Porque alguém falou aqui que tem jeito de repor. Repor, eu tô certa? Alguém falou isso aqui, fez a pergunta aí a pessoa veio aqui e respondeu que tem jeito de repor a água no aquífero. Deixa eu ver a outra. Não, é só isso mesmo. Os meus quatro minutos eu vou fazer homenagem às pessoas que se foram, viu? Boa noite.

[00:59:14]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Solange. Antes da resposta aí do Bloco 10 já vou chamar aqui os integrantes do Bloco 11 pra ficarem a postos. Tereza Vilas Boas. Aódi Queiroz? Márcia Rodrigues. É Aódi mesmo? Como? Então podem se postar aqui. Passar aí a palavra pro empreendimento, principalmente nos impactos da região do Rio Acima, impactos dos recursos hídricos, rebaixamento do lençol freático, reposição de água no aquífero e todas as outras manifestações dos participantes do bloco, por favor.

[01:00:10]

Sra. Maria Luíza: Obrigada pelas perguntas, pela oportunidade de poder explicar um pouco melhor como se dá a questão do rebaixamento, como se dá a operação da lavra. Então, como já foi dito, o minério de ferro é uma rocha aquífera, é uma rocha que contém água. E, realmente pra conseguir avançar em profundidade quando a gente começa a abrir a cava, quando a lavra chega ao ponto de encostar na água é necessário fazer o rebaixamento do nível de água, só que antes disso eu gostaria de pontuar e explicar que o volume de rocha aquífera que será retirada na área de cava representa 3% do volume de rocha aquífera da formação ferrífera que temos no Gandarela. Esse volume retirado, ele não tem potencial de alterar o fluxo de água da Serra do Gandarela na formação ferrífera. Não tem potencial de alterar o fluxo de água pras nascentes para além da ação do rebaixamento, que é o que eu vou explicar agora. O que que é o rebaixamento? O rebaixamento, como eu tava dizendo antes, é uma operação, faz parte da operação de lavra, é uma atividade comum as operações de lavra no minério de ferro porque é uma rocha aquífera, onde pra poder avançar a lavra em profundidade, nós precisamos bombear essa água do aquífero, fazendo então com que ele rebaixe. Essa água rebaixada, ela é retirada do poço, de dentro da mina, água subterrânea do aquífero e é colocada nas nascentes sem contato com a superfície, com qualquer alteração de qualidade, a mesma água do aquífero é colocada como reposição de água nas nascentes que tenham conexão com este aquífero. Não são todas as nascentes que têm essa conexão, tá? Essa é uma questão que é avaliada previamente, que já foi avaliada inclusive pelo mapeamento de nascentes, nós conhecemos as nascentes de entorno do projeto, nós sabemos quais as nascentes que têm essa conexão, essa relação direta com o aquífero, tá? E essas nascentes estão sendo monitoradas, esse monitoramento vai ser continuado pra acompanhamento de todo o avanço desse rebaixamento que acontece de forma gradativa, não é de uma vez só. Inclusive, dessa forma gradativa nós conseguimos acompanhar passo a passo o tempo de avanço desse rebaixamento. Não é de uma hora pra outra. Então, é algo que a gente consegue monitorar e mitigar com a reposição, tá? O ponto trazido ao final pela Solange com relação a repor a água no aquífero, essa reposição de água no aquífero, ela acontece pela recarga, pelas chuvas, quer dizer, a alteração, a mineração, essa alteração de dinâmica hídrica que é um dos impactos pontuados no EIA, está lá pontuado, assim como as medidas de controle e mitigação, né? Ela é temporária enquanto houver o rebaixamento, que foi esse processo que eu expliquei antes com o bombeamento de poços dentro da mina. Finda mineração, quando acabar, quando terminar esse processo a água volta naturalmente a ocupar

esse espaço porque a gente não consegue impedir que isso aconteça, tá? Isso é uma força da natureza voltando a água para o nível de água original que havia ali naquele espaço. Quando essa água retorna as nascentes passam a correr a partir desse retorno da água, né? Há um novo equilíbrio hídrico que vai se formar naquele local com a água da recarga que retoma esse nível de água do aquífero naquela região. Então, eu gostaria... são esses os esclarecimentos. Obrigada.

[01:04:28]

Sr. Rafael Barbosa: Obrigado, Maria Luíza. Complementando aqui as perguntas que foram feitas, nós temos aí a questão que a Daniela colocou falando sobre impactos em Rio Acima. Então nós temos na área de influência indireta do projeto, nós temos a comunidade de Água Limpa que foi contemplada com relação aos estudos e lá se prevê o aumento do fluxo de carros, né? O fluxo do trânsito. Por que que só se prevê esse tipo de impacto lá principal, o principal? Porque entre a Água Limpa e o Projeto Apolo, Água Limpa está em Rio Acima, entre Água Limpa e o Projeto Apolo nós temos o parque. Então não faria nenhum sentido direcionar mais fluxos pra aquela localidade. Pra que colocar uma portaria ali com um grande fluxo? Pra que colocar um acesso ao Projeto Apolo sentido Água Limpa se a gente tem o parque entre os dois? Então nós direcionamos as saídas do projeto, os acessos do projeto para o norte onde nós temos ali a MGC-262 que está inclusive em fase de obras, que será capacitada e pode receber esse fluxo de equipamentos. Então, não temos estruturas do projeto em Rio Acima. Com relação também, ela citou o fato do turismo e como ter mineração e ter o turismo, a gente gostaria de reforçar que nós somos parceiros e fomentamos o turismo e é possível sim ter a coexistência do turismo com a mineração. Nós seremos vizinhos do Parque, nós temos um parque com 31.270 hectares e o turismo pode acontecer ali e em toda a região com inclusive com parcerias da Vale. Em relação à colocação da Deputada Bela, ela falou que o projeto tem sim rejeito, eu gostaria de reafirmar que o projeto não tem rejeito, o projeto não gera rejeito. O rejeito é aquele material que é rejeitado ali durante o processo...

[01:06:33]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Tereza Vila Boas, vou chamar novamente. Tereza Vila Boas. Não? Márcia Rodrigues? Márcia Rodrigues? Então, vou chamar duas pessoas do Bloco 12. Pedro Poli Yamashiro. Pedro, tá aí? Também não. Elaíse Cristina Costa, tá aí? Elaíse Cristina, tá por aí? Fulvio Avallone. Fulvio Avallone. Então já vou começar a chamar os suplentes aqui

pra compor o bloco 11 e depois respectivamente o bloco 12. Maria Tereza Moreira. Vamo seguir a ordem, Maria, eu já te chamo, só um minutinho, tá bom? Aódi Queiroz.

Sr. Aódi Queiroz: Boa noite aos componentes da mesa, boa noite ao público. Aqui em Caeté recentemente nós tivemos diversos apagões que evidenciam a deficiência na qualidade do fornecimento de energia elétrica na cidade. Considerando que um projeto de mineração pode aumentar significativamente a demanda de energia elétrica e potencialmente sobrecarregar a infraestrutura local, eu gostaria de perguntar à empresa o seguinte, quais as medidas a Vale está adotando para assegurar que o consumo de energia em suas operações de mineração não afete negativamente a qualidade e a estabilidade de fornecimento de energia elétrica em Caeté e quais são as propostas específicas da Vale para mitigar esses impactos? E eu queria aproveitar também, como forma de avaliação, estender essa pergunta ao próximo gestor do município, porque Caeté também tem que se preparar pra poder receber empreendimento, né, gente? Então, muito obrigado e boa noite.

[01:09:19]

Sr. Vitor Salum: Obrigada ao Aódi Queiroz. Fúlvio, 3 minutos pra fala, por gentileza.

Sr. Fúlvio Avallone: Boa noite a todos. Primeiro eu quero dizer que o Pinóquio tem vergonha da Vale, porque cês mentem demais. É muita mentira pra gente ficar escutando aqui durante 5, 6 horas. No papel, é tudo muito bonito, gente. É tudo sustentável, tudo maravilhoso. Mas nós tamos sofrendo já com o impacto de uma mineradora que nem tá na nossa cidade, que nem gera empregos na nossa cidade, e nem gera receita na nossa cidade, e a prefeitura abriu a perna pra essa mineradora passar aqui com 200 caminhões por dia. Então nós temos uma gestão pública ineficiente, que não preparou a cidade pra receber nenhum tipo de empreendimento, nós temos uma Santa Casa que não tá preparada pra receber 3 mil pessoas novas na nossa cidade, nós temos uma cidade onde a Vale e nem a Prefeitura se preocupou em preparar o jovem pro futuro dessa cidade, e nós temos uma empresa que deixou mais de 200 mortos, que não consegue fazer nem a sua própria operação e quer criar novas operações. E vale lembrar, né? Vale lembrar. Nossa cidade perdeu três caeteenses. Três caeteenses que foram mortos, assassinados por essa empresa, em Brumadinho. Inclusive, um desses caeteenses, até hoje, nem, a sua família não teve a oportunidade nem de fazer um velório pra ele, porque não achou o corpo desse caeteense. Então, é algo que a gente precisa pensar, não, a Vale não vai chegar aqui em Caeté hoje, amanhã, viu, comerciantes, e vai fazer Caeté mais rica, não, porque ela vai comprar de fora, porque ela vai trazer mão de obra de fora, porque

ela vai colocar duas mil pessoas, a gente, realmente como você disse, que a gente não conhece a índole, que a gente não sabe como que essas pessoas vão estar chegando na nossa cidade, vai aumentar a criminalidade, vai aumentar os prejuízos pra nossa cidade, E será que esse progresso vale? Será que é esse progresso que a gente quer? Existem outras formas, como o turismo, que foi apontado aqui. Existem formas de trazer empresas de tecnologia, empresas que possam, sim, com sustentabilidade e condições próprias pra nossa cidade, desenvolver o emprego e desenvolver o nosso comércio. A gente não pode achar que essa empresa, que matou 200 pessoas, vai ser a solução de todos os nossos problemas. Talvez ela será mais problemas pra nossa cidade, e é isso que eu acredito. que ela será mais problemas pra nossa Caeté. Fora as questões ambientais que foi amplamente colocadas aqui, como, por exemplo, a falta de água. Nós já passamos por uma crise hídrica na nossa cidade, em 2014 e 2015. Quem se lembra de 30 dias sem água, 20 dias sem água? É essa a realidade que a gente quer? Vamos pensar muito bem, porque eu acredito realmente que não será a solução, porque nossa cidade não tá preparada, porque nós não temos o desenvolvimento necessário e também porque essa empresa fala muita mentira. Obrigado.

[01:12:38]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, vereador. Maria Tereza? Boa noite.

Sra. Maria Tereza: Alô, ah! Boa noite, nó, menino, fiquei feliz demais agora porque eu achei que isso aqui era uma grande propaganda de vocês, que vocês botaram uma grana na bolsa das pessoas e falaram assim, vai lá, fala bem de mim. Que bom que agora eu tô vendo que tem gente aqui que não foi paga, e que não caiu nessa conversinha fiada de todos vocês aqui, que eu tô lembrando muito da cara, pra dar um pouco de lucidez na cabeça das pessoas, tá bom, gente? Então, obrigada às últimas falas, que tão realmente atentas a não ficar ouvindo essa mentirada de Vale, e se ligar nas reais, no que é real que elas tão trazendo aqui. Porque às vezes, a gente fala assim, é muito bonito que ela traz no papel. Gente, o papel tá horroroso! O papel que ela trouxe já tá horroroso! É porque do jeito que ela faz com as cores bonitas, a gente acha que é coisa bonita, e tal, mas não é. É péssimo. E aí eu queria lembrar que todos nós, parece que aqui todo mundo esqueceu que na televisão agora a gente tá vendo o Rio Grande do Sul, né? E todo o colapso climático, né, toda a crise climática que a gente tá vivendo, e aí eu queria falar pra vocês, pessoas brancas, de classe média, classe média alta, talvez ricas, cabeças da Vale, ou pessoas aqui que tão ocupando lugares muito, bem melhores do que a galera que fica lá no... os peão de obra, né?! Que a crise climática afeta vocês também, tá bom? Dentro do apartamento, lá na casa do condomínio, quem já tá sentindo com

calor extremo? Em maio sentindo o calor de agosto, não é? E isso já é crise climática. Chuvas extremas, isso já é crise climática. Rio Grande do Sul, todo mundo tá sofrendo agora, independente de onde mora. Debaixo d'água, crise climática. Desmatar mil hectares de Mata Atlântica, em plena época de crise climática, é suicídio de todos! Inclusive vocês de roupinha verde. Entendeu? Não cabe mais empreendimentos de destruição em massa como o da Vale! Não vale mais, não dá, não tem condição, não era pra ter. E eu lembro da cara de todas vocês, porque vocês são mentirosas. Você acha que é Deus, você acha que você vai voltar com a água pra aquífero? Depois de bilhões de anos? Delírio! Você é mentirosa. Eu lembro da cara de todas de vocês. Você falou ontem que a gente não ia perder a cachoeira da Maquiné, que a gente só vai perder pequenos córregos sem nome, que ninguém nunca ouviu falar, aqui por perto. Mentira! Maquiné é maravilhosa, tá aqui do lado. E vocês fecharam a porta dela, pra ninguém conhecer. Isso é estratégia. E a gente conhece muito bem a estratégia de vocês. A gente não cai, nesse papinho, furado, de vocês.

[01:16:12]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Maria Tereza. Antes da resposta do Bloco 11, já vou chamar os integrantes aqui do nosso último bloco, vamos ver ainda quais tão aqui. Raul Brandão Sampaio. Maria Regina Ramos. Maria Regina Ramos? Diogo Lira? Luciene Magalhães. José Geraldo Marques. Faltou uma pessoa pra falar na nossa avaliação, vocês se importa da gente fazer um bloco de quatro? Acho que não, né? É, eu vou fazer, tudo bem? Uma pessoa só, eu acho que é válida, é moradora, ok? Grazielle Gonçalves. Não, você também, eu vou, eu incluí mais um. Pode vir, Grazielle! Então, vamos lá. Bloco 11.

[01:17:56]

Sr. Rafael Barbosa: Vamos lá, pro bloco 11, respostas. Em relação ao De Queiroz, ele perguntou, na verdade, ele mencionou algum problema acontecido aqui em Caeté com relação à energia elétrica, e aí eu gostaria de esclarecer que o Projeto Apolo, ele terá previsão de uma rede dedicada, de 138 KV, que a gente fala, é um tipo de rede que é uma alimentação exclusiva, né, o número ali não importa, é uma rede exclusiva, que vai nascer ali da subestação Taquaril, ela vai seguir em direção ao projeto numa distância de 22 quilômetros. Então não haverá nenhuma interferência aqui com o abastecimento de energia elétrica da cidade de Caeté. E além disso, gostaria de reforçar, que a Vale, ela a partir de 2025, será autossuficiente em relação à geração de energia elétrica limpa para as suas operações. E o Projeto Apolo tá incluído nisso. Em relação ao que o Fulvio trouxe, ele destacou a questão do

fluxo migratório e a questão da possibilidade de diversificação econômica por outros meios. Gostaria de colocar que os impactos foram demonstrados no EIA-RMA e os programas também foram demonstrados pra que mitiguem essas questões relacionadas ao fluxo migratório. E, com relação ao que foi citado pela Maria Tereza, eu gostaria de colocar aqui, vou colocar estritamente sobre as questões técnicas, não vou me ater às questões pessoais que foram colocadas aqui, e eu gostaria de colocar que ela citou como perda da Cachoeira Maquiné. A Cachoeira Maquiné não será perdida, não será excluída, a Cachoeira Maquiné continuará lá, porém, será necessário fazer a restrição de acesso, porque está muito próxima das áreas operacionais. Obrigado.

[01:19:58]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Gente, eu vou fazer essa última adaptação aqui pro nosso bloco 12, e considerando que faltou um morador pra falar, eu vou conceder a palavra a essa moradora. Eu acho que não traz qualquer tipo de prejuízo, mas ao mesmo tempo eu vou fazer o acréscimo de dois minutos pra empresa conseguir responder todos os questionamentos dos senhores, fazendo uma proporção, tudo bem? Então, vocês têm três minutos pra falar e eles têm seis, vocês terão aí, no caso, doze. e lá oito, perfeito? Pra gente manter aí uma coerência com isso. Eu vou fazer essa pequena adaptação no regimento considerando que é uma única pessoa e a gente não vai deixar um único morador do município sem poder usar seu direito de fala, tá bom? Então vamos lá. Raul Brandão, pode vir.

[01:21:07]

Sr. Raul Brandão: E aí, turma? Né, tamo aí, eu sou morador de André do Mato Dentro, que já tá sendo bem afetado pela mineração. E eu queria fazer um convite, começar fazendo um convite, principalmente pra turma que tá aqui na frente, a galera que bota fé aí nos 2% que a Vale vai deixar. Vocês moram, assim, em lugar que fica passando caminhão de mineração o tempo todo na porta da sua casa? Vocês moram, quando vem a época de chuva, e aí tem meses com barro na água? Assim, não precisa nem responder exatamente isso, porque não é a pergunta, mas, né, isso já tá acontecendo lá em André. E eu tô falando isso por quê? Porque foi uma cena parecida. Chegou uma empresa, como eu disse ontem, menos pomposa que a Vale, e falou, não, nós temos todos os estudos, tá tudo certo! E aí, quando chegou a época de chuva, isso aconteceu. Falou que ia passar tantos caminhões em determinados horários, também não cumpriu. Então, eu não tô falando que vai acontecer, eu tô falando o que aconteceu, né? Esses dias. E bom, vale lembrar também, que aí entrando pra pergunta,

realmente as perguntas, a Vale já teve um problema com a sondagem, não a empresa que estava sondando pra Vale, na região de André do Mato Dentro, a comunidade ficou extremamente assustada porque toda a água ficou branca, o retorno dela foi que não era, que havia um polímero, no momento, ninguém soube explicar o que era. E quem descobriu isso foi a gente, morador, não foi Vale, não foi nenhum tipo de fiscalização. E eu queria saber se elas deram uma resposta falando assim, confia, tá tudo certo, mas não apresentaram nenhum estudo mesmo mostrando que as substâncias lá não é tóxica, né? Isso não aconteceu. Então, isso é uma pergunta se vocês vão apresentar, um estudo detalhado. A segunda é mais pensando, falou que vai ter aqui barulho em Morro Vermelho, mas não citou que vai ter problema com barulho o André. Então, como é que tá isso? Se vai ter, a gente tá do lado. Como é que vai ser isso? Terceiro, a distância, né, da, é do onde os 2.600 trabalhadores vão ficar de Morro Vermelho, e por último, pra galera que gosta de inovação, quem curte inovação, já que é um novo conceito inovando, a gente poderia tentar inovar também na questão de responsabilização, não? A Vale tem aí uma galera boa de advocacia, por que então, quem tá aqui botando fé, não se responsa... se der ruim pra gente lá, se responsabiliza pessoalmente, em vez de ser a empresa, já que é tão difícil responsabilizar a empresa. Eu gostaria muito. Obrigado.

[01:24:18]

Sr. Vitor Salum: Obrigado, Raul. Eu perdi aqui. É o Diogo Lara? Lira.

Sr. Diogo Lira: Alô, alô. Salve. Boa noite. Foi fácil hoje, hein? Vou dormir melhor, né, imagino. Mas não esquece que o projeto é de destruição, não, tá, gente. Emprego, emprego, emprego, emprego. Ficou muito claro aqui hoje, tá, caeteenses que ainda tão aqui, que o poder público de Caeté e a empresa Vale não têm maturidade suficiente pra conversar em público, abertamente e claramente, sobre as questões problemáticas que esse empreendimento vai trazer pra cidade. Vai trazer emprego, vai trazer muito problema, e hoje, o que aconteceu aqui, foi vergonhoso. Vocês não têm maturidade pra lidar com problemas. Tá bom? Já romperam duas barragens. E aí é sobre isso que eu quero perguntar. Vocês tão prevendo duas pilhas, pilha de 250 hectares de base. Não é uma montanha com uma estrutura pra aguentar o que a gente tá esperando aí pros próximos anos com a crise climática. São duas pilhas, 250 metros de altura, não sei quantos milhões de metros cúbicos de terra, que eu imagino que vocês tão planejando muitas estruturas de monitoramento, de drenagem de água, de contenção, vocês tão seguindo normas pra garantir que essas estruturas não vão colapsar, certo? Imagino que sim, né? São engenheiros, estudados, mas... acontece às vezes por alguma



falha humana, por alguma falha de cálculo, ou talvez por não pensar que a gente tá vivendo uma crise climática e que esses eventos extremos podem acontecer? Essas pilhas podem colapsar. E aí eu queria saber pra onde que elas vão correr, onde elas vão chegar, se é em Caeté, se é Morro Vermelho, né, porque eu sei, né, pelo que eu conheço do lugar, que eu sou da região, eu passo por ali, é o meu acesso pra ir pra BH e pra vir pra Caeté comercializar o que eu produzo na roça, exatamente onde vão ter as pilhas, e tem córregos, tem rios. Eu gostaria de saber o que vai acontecer. E, Raul, eu vou te responder, cadê? Sobre o barulho, porque eu sei que a Vale não vai responder, porque ela vai falar que não tem. Mas, em Morro Vermelho, quando tem fogos de artifício, a gente escuta lá de casa, tá? Então as explosões lá, te garanto, nós vamos conseguir ouvir direitinho. Nós e as onça! Obrigado.

[01:27:55]

Sr. Vitor Salum: José Geraldo?

Sr. José Geraldo: E eu não quero aqui nem aplausos nem vaias. Eu vou falar o seguinte, sendo aquele índio lá que escreveu o livro sobre adiamento do fim do mundo, será que a gente tem jeito de adiar isso mais um pouquinho? E outra coisa, não quero... e outra coisa, acontece o seguinte, esses rejeito velhos que tãem em outras represas, a Vale pode compactar isso fazendo blocos de montanhas pra que isso seja reabsorvido pela natureza de maneira não tão drástica? Outra coisa, porque o que tava lá na, quieto na natureza, levou milhões de anos pra ficar aquietado ali. Quero saber o seguinte, o que que uma pessoa isolada pode fazer em relação a isso? Só posso dar meus 200 reais também pra participar, que até agora precariamente eu tô fazendo parte do meio ambiente. E outra coisa, o que que a pessoa também, que seja em associação, que seja também isolada, o que ela pode fazer pra contribuir isso que o meio ambiente é pra todo mundo, em relação à reciclagem. Teve em Belo Horizonte também um caso que o camarada tava pedindo à pessoa 30 quilos de reciclável e dava 150 reais a fundo perdido. Quer dizer, é uma matemática bem social. Eu posso fazer isso? Não sei. A Vale queira fazer isso? A Coreia, Japão e Vietnã que é país sério pra mim, será que pode fazer isso, que o mundo é mesmo pra todo mundo? Isso é o meu depoimento e a minha visão sobre a coisa. Eu acho que não quero falar mais nada, não. Obrigado.

[01:29:55]

Sr. Vitor Salum: Obrigado a você, José Geraldo. Por último e fechando, Grazielle Gonçalves Lima.

Sra. Grazielle: Bom, boa noite. Obrigada por concederem esse tempo. É muito triste né, que eles tenham juntado dois processos em uma audiência só, minando a possibilidade de participação da população, e aí veio representantes, enfim, uma funcionária da Vale, representantes de sindicato, e aí cortam o espaço da população mesmo, que é quem deve ser escutada nesse momento. Infelizmente isso não tem nenhum poder decisório, mas é um espaço da gente, né? Enfim, algumas perguntas que eu tinha que não ficaram esclarecidas é com relação à paleotoca. A Vale falou disso no começo, passou muito rápido, e isso não tá claro pra mim, assim. O que vai ser feito? Falou de transferência das cavidades? Não tem como transferir uma paleotoca. A Vale vai virar uma instituição científica e vai recolher os resquícios arqueológicos, o que vai ser feito, assim, e a paleotoca? Não entendi, assim. Inclusive, foram apresentados números de cavidades que são importantes, de alta relevância e máxima relevância, pra mim são sinônimos, assim. O que isso quer dizer? Relevância arqueológica? Relevância de que nível? Expliquem. Coloquem tudo nos pontos claros pra população, sejam de fato transparentes, assim, como foram com relação à prostituição, que acho que foi o único ponto. E aí tive, a gente teve a infelicidade de ter que ouvir um vereador falando, minimizando essa situação, assim, sendo que... a chegada da mineração, ela traz, sim, um aumento dos números de assédio sexual, de prostituição infantil, que é seríssimo! E sim, a gente tem que falar, isso não pode ser normalizado. Aumento do consumo de álcool e outras drogas, aumento da insegurança. Enfim, assim, então, já que vocês tão comprando com o discurso do emprego, falem pra população, destinem, sabe, quantos que vão ser gerados de fato pra cá. Porque é 740, mais geral, assim, parte da cadeia. Vocês vão realmente contratar todos esses 740, vão transferir de outros lugares, isso vai ser colocado, tá sendo colocado aqui, mas vai ser de fato, sabe, vão ser 740 dividido entre Santa Bárbara e Caeté, vai ser transferido uma pessoa lá de outro lugar, assim. Então, sejam realmente muito transparentes, porque cês tão tentando comprar com esse discurso, mas ele tem que tá muito claro pra população saber quais são os prós e os contras. Enfim, e o Fulvio falou da questão da Santa Casa, que era uma questão que eu estava querendo falar, assim, que é muito importante. A gente não tem essa capacidade. A Santa Casa não aguenta, nem a população daqui. O trânsito já tá horroroso, assim. Como é que vai ficar, sabe? Cês tão falando da malha ferroviária, assim, mas isso vai ser só pra escoamento! A atividade mineradora não envolve só isso, assim. Tem o contingente de trabalhadores, enfim, toda uma atividade enorme que envolve, assim. E, por fim, vocês falaram também, esse tempo é muito curto, assim, mas eu queria que vocês fossem muito sinceros com relação a essa questão. Não tem barragem, mas tem

sedimentos. E esses sedimentos envolvem diques, mesmo que sejam estruturas pequenas, a pilha de estéril envolve sim riscos, já houveram eventos em outros lugares do mundo...

[01:33:17]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Fechamos, então, nossa manifestação. Nesse bloco, como eu abri essa sessão faltando só uma fala, vou colocar oito minutos, perfeito. Então, trânsito de caminhões, problema com sondagem, comunidade do André, pilhas, paleotoca, impactos sociais.

Sr. Bruno Assis: Pessoal, boa noite. Eu sou o Bruno Assis, trabalho na área de sondagem, de pesquisa da Vale. É uma área que trabalha no Brasil todo. É o trabalho desvinculado do Projeto Apolo. O que que aconteceu? No fluido de sondagem que foi na drenagem Maria Casimira, né? No momento que esse fluido de sondagem que é composto de água, bentonita e polímeros, ele caiu na drenagem e gerou uma turbidez momentânea. No momento que foi identificado ela foi paralisada, a atividade, foi comunicada a FEAM e o NEA. No outro dia o NEA fez a inspeção, fizemos a coleta de sedimento, tanto a montante quanto a jusante e no local, né? E só teve mesmo a turbidez. O resultado chegou do laboratório do Conama, de acordo com o Conama não teve nenhuma mudança físico-química da água. Então, tá ok a água, foi constatado que não teve nenhuma... O que aconteceu foi uma turbidez momentânea, tá? E tudo lá foi limpo, o pessoal que mora na área foi lá, viu que a gente fez a limpeza conforme foi solicitado pelo pessoal.

Sr. Matheus Simões: Boa noite a todos. Me chamo Matheus Simões. Vou responder aqui alguns questionamentos que foi feito pela Grazielle, a respeito da paleotoca, a respeito das cavidades. Primeiro, obrigado, Grazielle, por trazer aí na última menção o tema. Bom, primeiro, em relação à paleotoca, ela está no entorno do Projeto Apolo, mas o primeiro ponto a se ressaltar é que desde que ela foi descoberta em 2010, a Vale, ela, tem várias ações, faz estudos técnico-científicos pra preservação da paleotoca e isso vai continuar com o Projeto Apolo. O Projeto Apolo prevê a preservação dela e de outras cavidades no entorno, tem a previsão de preservar uma área no entorno da paleotoca de aproximadamente 47 hectares, isso é equivalente a mais que o dobro do que a legislação exige hoje. Essa área, ela vai englobar não só a paleotoca, mas outras 14 cavidades, gerando também um ganho ambiental com a preservação da fauna, da flora ali que tá no entorno da paleotoca. Outro questionamento é a transferência, que a Griselle fez, de transferência de cavidades, não é transferência de cavidade de um local pro outro, mas sim a compensação pra aquelas cavidades que a

legislação permite que sejam impactadas durante um empreendimento, né? Então algumas cavidades serão realmente impactadas por estar dentro da área de lavra, dentro da área do projeto e a compensação será feita conforme a legislação exige, né? Será uma compensação com no mínimo o dobro de cavidades mais outras formas de compensação também que estão previstas na legislação. Por último, a Grazielle também perguntou sobre o sistema de classificação de relevância de cavidades, né? É uma metodologia que tá definida na legislação federal, da forma como você classifica as cavidades de uma relevância em quatro categorias, baixa, média, alta e máxima e as de máxima relevância são aquelas que não são permitidos nenhum tipo de impacto, assim como a paleotoca, né? Então, por isso essas cavidades, aquelas quatro cavidades que foram mencionadas no estudo, na apresentação do EIA, elas serão integralmente preservadas também. E aí eu posso passar pro... vou chamar o Rafael pra complementar as respostas.

[01:37:57]

Sr. Rafael Barbosa: Obrigado. Obrigado, Matheus. Complementando aqui as respostas, começando aí pelo que o Raul colocou, o Raul trouxe a informação em relação a incômodos com ruído e distância, ele citou a distância dos 2.600 mas eu tô entendendo que ele tá falando de distância da mão de obra para Morro Vermelho, ou do empreendimento pra Morro Vermelho. Em relação à questão do incômodo com ruído, nós estamos, nós, conforme foi apresentado aqui pela Amplo, no estudo de impacto ambiental, ele demonstrou que os níveis de ruído que estarão fora da legislação estão na proximidade do empreendimento e não chegam nessas comunidades. Isso tá apresentado no estudo de impacto ambiental. Além disso, serão implantados monitoramentos, estações de monitoramento pra avaliar qual que é o nível de ruído naquela localidade, antes, isso já foi implantado, e depois da implantação do empreendimento. Havendo qualquer mudança, os controles serão lá intensificados e corrigidos pra que os níveis voltem ao normal. É assim que está previsto no estudo de impacto ambiental. Em relação à distância, o Projeto Apolo, a portaria do Projeto Apolo, tá a aproximadamente seis quilômetros, entre cinco e seis quilômetros de Morro Vermelho, então, nós estamos, essa é a distância da portaria do projeto pra Morro Vermelho, e para as demais, no caso de centro de Caeté, aproximadamente 15 quilômetros, pelos dois acessos que estão previstos. Em relação ao que o Diogo colocou, ele trouxe aqui perguntando sobre questões relacionadas ao dimensionamento das pilhas. Citou a área da pilha, a altura, enfim. E questionou sobre a possibilidade de rompimento, pra onde esse material vai e tal. Isso é importante trazer e esclarecer. As pilhas, reforço, as pilhas foram dimensionadas conforme as

normas vigentes. As normas nacionais, internacionais e padrões internos vigentes, essas normas, elas consideram eventos históricos, de chuvas, então as pilhas estão dimensionadas desta maneira. Em havendo alguma alteração de norma por conta de eventos climáticos recentes, nós, obviamente, retomaremos ao projeto e inseriremos no projeto essas atualizações de normas. Em relação à possibilidade de rompimento, como foi mencionada explicitamente essa possibilidade de rompimento, eu gostaria de citar que, por se tratar de solo e rocha que são formadas gradativamente, só pra vocês terem uma ideia, ele citou a altura da pilha, 250 metros. Essa pilha, nós vamos gastar 25 anos pra construir essa pilha. Nós vamos ter 10 metros por ano. Nós vamos ter, aproximadamente, menos de 1 metro de camada por mês. Então, é gradativo a possibilidade de compactação e de revegetação e de controle ambiental. É muito lenta essa subida, que nos possibilita de implementar todos os sistemas e controles. E se porventura em um determinado momento, houver a possibilidade de rompimento, por se tratar de solo e rocha que foi depositado gradativamente, o impacto será local, o material não tem possibilidade de escoar pra longe da pilha, vai ficar próximo à pilha. E também, no estudo locacional da pilha, nós escolhemos posições que tivessem longe de qualquer comunidade. Em relação, e já trazendo também a questão, rapidamente, que foi citada, sobre dique, novamente, diques que estão previstos pra controle ambiental. O processo não prevê nenhum tipo de entrega de material pra esses diques, então, tá ali só pra controle, vai manter ali os sedimentos que porventura foram arrastados das pilhas e das áreas industriais. Em relação às questões de contratação de mão de obra local, a gente já explorou bastante aqui, o projeto tá, sim, com a priorização da contratação de mão de obra local, a partir das capacitações que nós citamos. E também de investimentos públicos que serão discutidos com o poder público e sociedade. Obrigado.

[01:42:18]

Sr. Vitor Salum: Obrigado. Pessoal, então fechamos aí a terceira parte da nossa audiência, vamos caminhando aí pra quarta parte.